

Campus

Jornal-laboratório do
Departamento de
Comunicação da UnB
nº 64-Primeira
Quinzena Junho 1984

378.4 (817.4) (06)
10261147
**Veja o
que pensa
o novo
arcebispo**

Página 11

No discurso dos
reitoráveis há
aspectos co-
muns:

A UnB precisa
mudar a forma
de conviver in-
ternamente com
sua comuni-
dade
e deixá-la se
fazer represen-
tada como
melhor
entender.



Quem ocupará essa cadeira?

Pela primeira vez em sua história, a comunidade universitária da UnB se une para eleger seu reitor. Os seis nomes mais votados foram, por número de votos, Dêrcio Munhoz, Frederico Barbosa, Cristóvam Buarque, José Carlos Coutinho, João Cláudio Todorov e Márcio Villas-Boas. O próximo passo será o encaminhamento da lista ao Colégio Eleitoral, que segundo a lei, tem do dia 19 de junho a 19 de agosto, para se decidir por seis nomes a serem apresentados ao Presidente da República, para a nomeação final. Alunos e professores estão confiantes no respeito desse Colégio para com a sua comunidade.

ESPAÇO

O conto da casa própria pelo BNH

Imagine que a sua casa tenha sido criada como o Sistema Financeiro da Habitação, onde as paredes sejam as aplicações por via dos pagamentos de prestações, o teto seja os depósitos em cadernetas de poupança e o chão seja da mais pura arrecadação líquida do FGTS — Fundo de Garantia por Tempo de Serviço. Teremos então uma casa cujas paredes são fracas, porque, salvo em 1974, quando o índice de inadimplência chegou a 15%, o SFH jamais pensou que veria de novo seus mutuários deixando de pagar suas prestações, por não receberem um salário ao menos compatível com elas. Seu teto, que corresponde às cadernetas de poupança, já foi salvo dos saques maciços em 1983, pela adoção da renda mensal, sem contar com o que estamos assistindo atualmente. O chão, que corresponde ao FGTS, devido ao grande número de desempregados que se alastra no país, também não foi poupado, for-

çando o fechamento de empréstimos para novas construções e, com isso, a retração do mercado imobiliário. Será fácil concluir que sua casa ou o SFH chegaram ao ponto de exigir de você mais que uma decisão de caráter técnico, mas também político. E de se perguntar: quem deverá ser salvo primeiro: o teto, as paredes ou o chão? E se todos forem salvos ao mesmo tempo, será a sua vizinhança que arcará com o ônus de sua decisão? Em outras palavras, o problema do Sistema Financeiro da Habitação não é um problema para ser resolvido apenas em detrimento dos mutuários. Ele abrange a sociedade como um todo, porque talvez seja ela a responsável pelo pagamento dos erros que você cometeu, quando comprou sua casa durante bons ventos da economia nacional.

LUIZ CARLOS QUEIROZ

MEIO

Estrelas do jornalismo não brilham tanto assim

Uma grande e brilhante vitória foi a cobertura feita pelo Campus, durante a votação da emenda Danta de Oliveira, no Congresso Nacional, pela nossa colega Leda Sampaio. Dentre os seus argumentos, publicados no número passado, fiquei estupefado (mesmo sabendo que isto existe em todas as profissões) com as seguintes declarações da colega, a respeito do estrelismo existente na profissão de jornalista: "...para a maioria dos repórteres credenciados pela Câmara dos Deputados eu não passava de uma foca intrusa. Sentia nos seus olhos o desdém pelo nome do jornal que eu representava... A cada tentativa de aproximação se esquivavam como se eu fosse portadora de doença contagiosa". E isso aí, maninha! Parabéns por ter enfrentado esta "zorra" que é a falta de solidariedade existen-

te na classe. Como você mesmo disse, a sua salvação partiu (além da sua competência, eu coloco) da ajuda de grandes profissionais (você citou os nomes). Estes, portanto, são os verdadeiros jornalistas! Que nós, os futuros profissionais, jamais possamos esquecer da sua experiência. Assim, quando estivermos em busca da notícia como sérios, grandes e experientes jornalistas lembraremos que um dia fomos principiantes. Faremos da nossa profissão algo de mais solidário e menos estrelar (o pior é que as estrelas já começam dentro das salas de aula). Mas... O céu aí por cima está bem nublado para existirem tantas estrelas no pedaço.

CARLOS AUGUSTO DUTRA

MURO

E o Azevedo entrou no ar

Muito se tem falado sobre as ligações que o reitor da UnB teria com os donos da opinião pública nacional. Ligações estas que iriam desde o humilde Correlô Braziliense até o último andar do edifício-sede das poderosas Organizações Roberto Marinho.

Entre a lenda e a realidade, existem os fatos que não deixam dúvidas sobre a verdade. Todos os espectadores do canal 10 de Brasília devem ter acompanhado com satisfação a razoável cober-

tura que a Rede Globo elaborou sobre as recentes mobilizações da UnB em função da eleição direta do próximo reitor. Alguns, mais avisados, viram o fato com explicável surpresa. Afinal todos dizem que Azevedo é íntimo do "jornalista" Roberto Marinho.

No último dia 23, um estagiário da redação da Globo presenciou uma cena realmente significativa: tratava-se de um telefonema do sub-editor regional para o chefe de reportagem. Nessa inter-

venção telefônica, o cioso sub-editor chamava a atenção para a "verdadeira campanha que o jornal local (DF TV) estava patrocinando contra o "injustificado" Reitor. Resultado: dançou a cobertura do resultado das eleições na UnB e Azevedo "entrou no ar" defendendo a ilegalidade do movimento. Como afirmou uma repórter presente à cena, "estava demorando"...

(Rodrigo Mesquita)

DESABAFO

Música erudita, clássica, elaborada. Elitista? A flautista Ode Ernst Dias acha que a relação da maioria das pessoas com a música é passiva. Não há uma vivência musical, na qual se possa participar do processo de fazer música e isso é culpa do sistema educacional. Por este motivo a música é mistificada e tratada como uma santa inspiração dos deuses. Não se sabe exatamente por que razão, mas a verdade é que os concertos semanais do Departamento de Música estão às moscas, com platéias reduzidíssimas. Não se pode culpar muito a divulgação, pois mesmo quando os cartazes eram amplamente espalhados pelas paredes do campus, poucos compareciam. Um professor chegou a dizer, em sinal de desabafo, que se fossem cobrados ingressos, os músicos seriam mais valorizados. (Alberto Passos)

(IM) PARCIALIDADE?

No jornal passado foi publicada uma bem elaborada retrospectiva daquilo que aconteceu durante as últimas medidas de emergência no DF, com excelente participação das editoriais de UnB e Comunidade. Fica, porém, o meu protesto por não ter sido publicada a versão oficial do cerco à UnB (a edição não foi histórica?), elaborada por este humilde estudante, após uma breve entrevista com o atual reitor. Dizer que foi difícil selecionar, organizar, cortar por "falta" de espaço as matérias (as aspas são minhas), decididamente, é muito fácil. O difícil, creio, é sustentar argumentos imparciais de seleção de assuntos. (Carlos Augusto de Amorim Dutra)

O negro sabe o seu lugar?

Essa é a história de uma bem disfarçada discriminação racial no CO, encoberta pela burrice de uma moradora que tem o atrevimento de ser temperamental e reagir ostensivamente ao esquema insuportável de isolamento, rejeição e chacotas a que é submetida. Há pessoas que têm o direito de ser temperamentais e é assim que são chamadas quando têm tal disposição de espírito. Mas, o negro, com essa espécie de humor, é considerado problemático. Porém, a comunidade não capta tais sutilezas. As provas concretas já bastam e elas

existem pra quem quiser ver. Agora, a moradora simplesmente não consegue arrumar um novo apartamento pra morar porque é problemática. No discurso de rejeição da comunidade não há muita coerência. Poderia haver duas verdades: uma da provocação e outra da discriminação. Para a felicidade dos ceolinos, só o que conta é a reação ostensiva às pressões apartamentais e, contra essa reação, existem medidas punitivas. Que bom, um preto a menos no CO.

(Terezinha, da Letras)

Imprensa como ela é

Nota publicada no Informe JB do Jornal do Brasil do dia 29 passado, sob o título "Violência Morrena":

"Uma senhora francesa, de 84 anos, viúva, havia decidido que o Brasil seria sua segunda pátria desde que se casara com um brasileiro. Aquel morou feliz até conhecer a face violenta do Rio.

"Segundo ela, desde que Brizola tomou posse no governo do Estado, já foi assaltada cinco vezes, sendo que da última foi atirada ao chão na Avenida Rio Branco.

"Depois disso tudo, tomou uma decisão: volta para a Europa e só voltará a morar no Rio quando o atual for ex-governador". Essa, queridos (e queridas), é a imprensa que nós temos.

(Guilherme Soares)

Feed-Back imaginário

Eu acho que você acha, que eu penso que você pensa que eu gosto de você — ou A de B — pelo simples fato de eu gostar de você e querer que você pense e ache tudo que você não pensa ou acha (?). Acima de tudo, eu quero que você goste de mim. A realimentação é a minha imaginação.

NEVINHO ALARCÃO

Campus

Jornal-laboratório do Departamento de Comunicação da UnB.

Editor-chefe: Prof. Murilo César Ramos. chefe de Reportagem: Prof. Arcelina Helena Dias. Editor de Fotografia: Prof. Luiza Venturelli. Diagramação: Prof. Maria Rita Leal.

Editores: Guilherme Soares (Opinião e Diagramação); Lavina Ribeiro e Lillian Mandel (UnB); Leda Maria Sampaio (Nacional/Economia); Aparecida Timboni (Nacional/Política); Diogo Ne-

to e Rosane Reis (Comunidade); Heloisa Helena Vieira e Maria Amélia Bezerra (Internacional); Anand Rao e Jurema Campos (Cultura); Marta Cristina Bezerra e Walcymara Santiago (Ciência).

Redação: Adalberto Passos, Afonso Cozzolino, Ana Cristina Alves, Ana Cristina Dias, Benedito Eustáquio, Carlos Alberto de Carvalho, Carlos Augusto de Amorim Dutra, Carlos Penna, Cid Furtado Filho, Cid Queiroz, Denize de Roure, Dinalva Ferreira, Jair Barbosa Jr., Josué Benitz, Luiz Carlos Queiroz,

Márcio Araújo, Maria de Lourdes Tavares, Malina Maria Martins, Marta Crisóstomo, Nevinho Alarcão, Rejane Pretti, Silvana de Freitas, Thais Bastos e Ulisses Lacava.

Minhocão Norte-Sul: Alunos de Redação de Jornalismo. Professor responsável: Manoel Vilela.

Fotografia: Marta Alejarra, Nicolau El Moor e Rodrigo Mesquita.

Laboratorista: Jeová Xangô. Ilustrações: Peninha e Siroba.

Departamentos sem verba

Pára - quedismo: a nova opção na UnB

Os pára-quedistas em potencial da UnB já têm uma nova opção, pois foi criado em dezembro de 83 o "Clube Desportivo Universitário de Pára-quedismo". A iniciativa é do professor Mário Ribeiro Cantarino que pretende difundir a prática deste esporte aqui na universidade. A sede é no próprio Departamento de Educação Física, e o clube já está filiado à Associação Atlética Acadêmica da UnB (AAAUnB).

Inicialmente, o clube contou com uma verba da Diretoria de Assuntos Comunitários (DAC), encaminhada através do Serviço de Apoio Cultural, que foi suficiente para financiar o curso teórico e o primeiro salto para os 30 alunos da turma inaugural. O treinamento teórico abrange o conhecimento de dobragem dos pára-quedas, aterragem, navegação, saída do avião, queda no espaço e procedimentos de emergência. O curso dura quatro fins-de-semana e as aulas são dadas no Centro Olímpico da Universidade.

PRÉ-REQUISITOS

Para saltar de pára-quedas, as pessoas devem estar filiadas a um clube de pára-quedismo. Em Brasília, há quatro destes clubes: "Planalto", "Planalto", "Condor", "Brasília" e "Gaivotas", este recentemente fundado pelo professor Cantarino. Os interessados devem apresentar exames médicos detalhados, ter no mínimo 15 anos e assinar um termo inssentando o clube de qualquer responsabilidade. As zonas de salto mais utilizadas são Formosa e o Parque da Cidade, este último somente para pára-quedistas experientes.

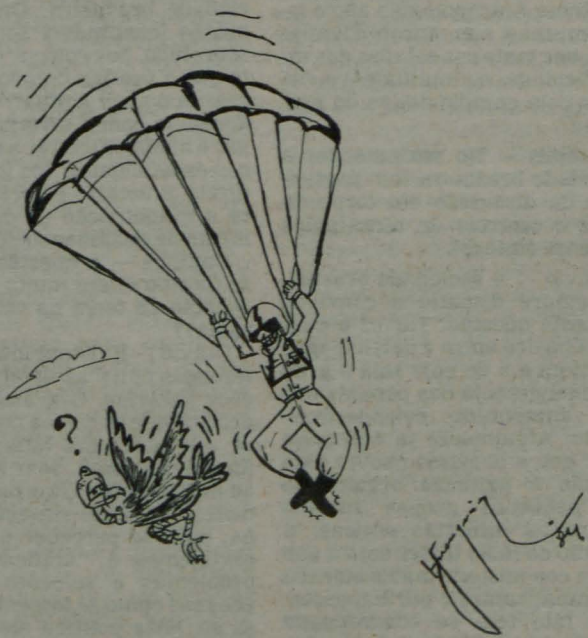
Feito isso, o aluno poderá realizar seu primeiro salto ou "o grande desafio", como define o professor Cantarino. Após cinco saltos, feito em pára-quedas T-10,

semi-automáticos (com ganchos), a uma altura de 750m e velocidade de 120Km por hora, os alunos tiram o brevê. Do oitavo em diante, os saltos são de queda livre, a 1.500m do chão. Ao contrário dos sete primeiros, este é totalmente controlado pelo pára-quedista, que libera seu pára-quedas após cinco segundos de queda. O equipamento completo com macacão, capacete, botas e pára-quedas custa aproximadamente 650 mil cruzeiros. O preço da hora/vôo gira em torno de 200 mil, tempo suficiente para se executar 16 saltos. Oscustos dos saltos variam ainda de acordo com a altura de lançamento.

SENSAÇÕES

Motivado pelos filhos que já saltam há algum tempo, o professor Cantarino realizou seu primeiro salto com a turma inaugural do Clube da UnB. Segundo ele, "todo primeiro salto cria um clima de euforia e grande expectativa que é logo superada pela sensação de liberdade que o salto proporciona. Saltar é como fazer um gol!" O palhaço Folia, do programa infantil Carrossel exibido pela TV Brasília, também fazia parte da turma inaugural. Ele conta que reviu passagens de sua vida, como flashes numa velocidade extraordinária, durante o seu primeiro salto. Raimundo, o palhaço, confessa que sempre foi dado a emoções fortes e grandes desafios.

Familiarizado com os mais diversos tipos de esportes, o professor não deixa de manifestar tristeza pelo pouco incentivo que os pára-quedistas recebem para financiar seu aprendizado. É um esporte caro. Seus altos custos e a maneira como é feita a programação dos saltos, fazendo com que estes se realizem muito esporadicamente, prejudicam o aperfeiçoamento técnico dos atletas. (Lillian Mandel e Thais Bastos).



Entre os problemas que levam professores e alunos a se preocuparem com a sucessão do reitor, está o agravamento da situação orçamentária dos Departamentos.

A verba destinada a atender gastos de material de consumo dos departamentos, que vão desde o cafezinho e o sabão até o óleo ou oxigênio usados nas oficinas da Engenharia Mecânica ou as chapas de alumínio necessárias nos laboratórios da Física ou a seringa e o algodão da Medicina, sofreu um reajuste a anual muito abaixo da inflação, fazendo com que os departamentos tenham que funcionar com deficiência crescente de material, reduzindo o nível e o número de suas atividades.

Quando a inflação para o período 83/84 ultrapassa os 200%, as verbas para material de consumo dos sete departamentos entrevistados tiveram um reajuste que varia de 57 a 70%. A Medicina Complementar viu sua verba total para 84, no valor de 4 milhões e 200 mil cruzeiros, estourar nos primeiros dois meses deste semestre. Já foram feitos cinco pedidos de suplementação de verbas no total aproximado de 17 milhões de cruzeiros.

A Medicina Geral e Comunitária não tem muitos gastos de laboratórios pois 70% do material é usado no hospital, com o qual a Faculdade mantém convênio. Sua verba total para este ano, no valor de três milhões e 40 mil cruzeiros, já foi totalmente utilizada, principalmente devido aos gastos com a implantação do laboratório de Fotodocumentação. Desta forma, a poucos dias foi feito um pedido de suplementação de um milhão e 500 mil cruzeiros para os gastos de apoio (secretaria e laboratórios de pediatria e enfermagem).

A Engenharia Mecânica teve um reajuste de 57% sobre a verba de 83. A parcela destinada ao primeiro semestre (50% do montante global), no valor de dois milhões e 520 mil cruzeiros, conseguiu cobrir apenas 20% da necessidade anual do departamento para material de laboratório. Isso obrigou a Engenharia Mecânica a pedir a liberação da segunda parcela de sua verba anual, que teoricamente só deveria ser usada a partir de agosto. Esgotar a verba antes do previsto não é exceção: no ano passado o departamento fez pedido de suplementação de verba no valor de 800 mil cruzeiros. Não há carência de equipamentos no departamento pois os pedidos de aquisição à administração central tem sido

atendidos em sua quase totalidade, complementados com doações de convênios. Mesmo assim, existem situações em que os próprios alunos são obrigados a adquirir material para os laboratórios, como aconteceu na semana passada quando dois alunos tiveram que comprar um cilindro de oxigênio que custa mais de 50 mil cruzeiros.

Atitudes alternativas como esta fazem parte do cotidiano de vários outros departamentos. França, do departamento de Relações Internacionais, diz que o Centro Acadêmico tem adquirido livros básicos do curso para xerocar e vender apostilas aos alunos interessados, pois o corte de verbas da secretaria reduziu para quatro (é 4 mesmo) o número de páginas xerocadas que cada professor tem direito durante seu curso. Medidas dessa natureza fizeram com que o departamento conseguisse fechar o ano de 83 positivamente. Para 84 já existe previsão de estouro no orçamento. A verba do departamento para 84 foi reajustada em apenas 58% em relação ao ano passado e além dos aumentos normais causados pela inflação, o departamento começa a oferecer este semestre um curso de mestrado. Apesar dos cortes feitos, a secretaria já esgotou sua primeira parcela e deverá pedir liberação da segunda.

O departamento de Física também já esgotou sua primeira parcela, num total de um milhão e 745 mil cruzeiros, e pediu esta semana a liberação da segunda. Na verdade, sua verba esgotaria muito mais cedo se o almoxarifado central atendesse os vários pedidos feitos pelo departamento.

Um milhão e 760 mil cruzeiros foi a verba para 84 do Departamento de Comunicação, já integralmente utilizada. Foi feito um pedido de suplementação de verba no valor de seis milhões e 640 mil, calculado sobre as necessidades mínimas para o período. O Departamento tem ainda a necessidade de renovação de equipamentos de rádio, TV, cinema, jornalismo e publicidade, a cada ano mais desgastados.

Nesse caos geral onde falta tudo, a Biologia Vegetal parece sobreviver sem problemas, graças à venda de um produto típico do departamento — a pesquisa, encomendada aos professores através de convênios. Para citar um exemplo, um convênio feito com a FINEP — Financiadora de Estudos e Projetos, em 82, previa um gasto de 13 milhões de cruzeiros com material de consumo e

outros 13 para compra de equipamentos necessários do desenvolvimento da pesquisa.

Procedimento não oficial, mas largamente adotado, é utilizar parte da verba dos convênios para cobrir os gastos com material dos laboratórios (químicas, frascos, mangueiras, sacos plásticos), pois segundo cálculos da secretaria, a verba para material de consumo que o departamento recebe da administração central, e que deveria cobrir os gastos dos laboratórios, é totalmente gasta na compra de material de almoxarifado.

Os cursos de mestrado, com aproximadamente 35 alunos, também recebem ajuda financeira através de convênios. Atualmente a CAPES financia duas pesquisas de pós-graduação e a verba para material de consumo chega a um montante de 14 milhões e 700 mil.

Segundo Kazuo Kawashita, chefe da APC — Assessoria de Planejamento e controle, a UnB conta com 90% de recursos da União, 6% de recursos próprios e 4% de recursos oriundos de celebração de convênios, para cobrir todos os seus gastos.

O orçamento inicial de 84, para cobrir os gastos com material de consumo (gêneros alimentícios para o bandeirão, material de laboratório e Almoxarifado) é de 615 milhões e 700 mil cruzeiros, dos quais 324 milhões e 400 mil provém da União.

A APC deve encaminhar ao MEC seu pedido de verbas para o próximo exercício com quase um ano de antecedência, antes mesmo que os departamentos tenham mandado suas propostas orçamentárias à administração central.

Os critérios adotados para a divisão do montante global entre as várias unidades, segundo Kazuo, são o número de alunos e professores, disciplinas, trabalhos publicados, laboratórios e ainda uma compração trienal das despesas, de cada departamento.

Dentre 32 Universidades brasileiras que contam com recursos do Tesouro em seus orçamentos iniciais, a UnB está em 31º lugar num quadro comparativo da evolução dos índices de crescimento do orçamento. Isso quer dizer que a verba que provém do MEC para a UnB não teve aumento expressível de 82 para 83 em comparação com as Universidades de Uberlândia e Piauí, que ocupam as primeiras posições nesse quadro. (Ana Cristina Braz e Thais Bastos).

Com 23 mil não dá pra viver

Trabalhando 20 horas semanais (4 horas por dia), os 21 bolsistas da UnB estão reivindicando, através dos meios administrativos, um aumento real no valor da ajuda que recebem, que hoje é de Cr\$ 23 mil. Sustentam os alunos que não existem condições de prevalecer este valor, inferior, inclusive, ao das bolsas de trabalho dos não-alunos, e o que eles estão requerendo é basicamente dois valores de referência (hoje, Cr\$ 58.588,00), para poderem sobreviver (e o "mínimo" é o salário mínimo).

Segundo Renato Tarciso, um dos bolsistas, "o reajuste do valor das bolsas acontece somente no início do ano, o que causa uma

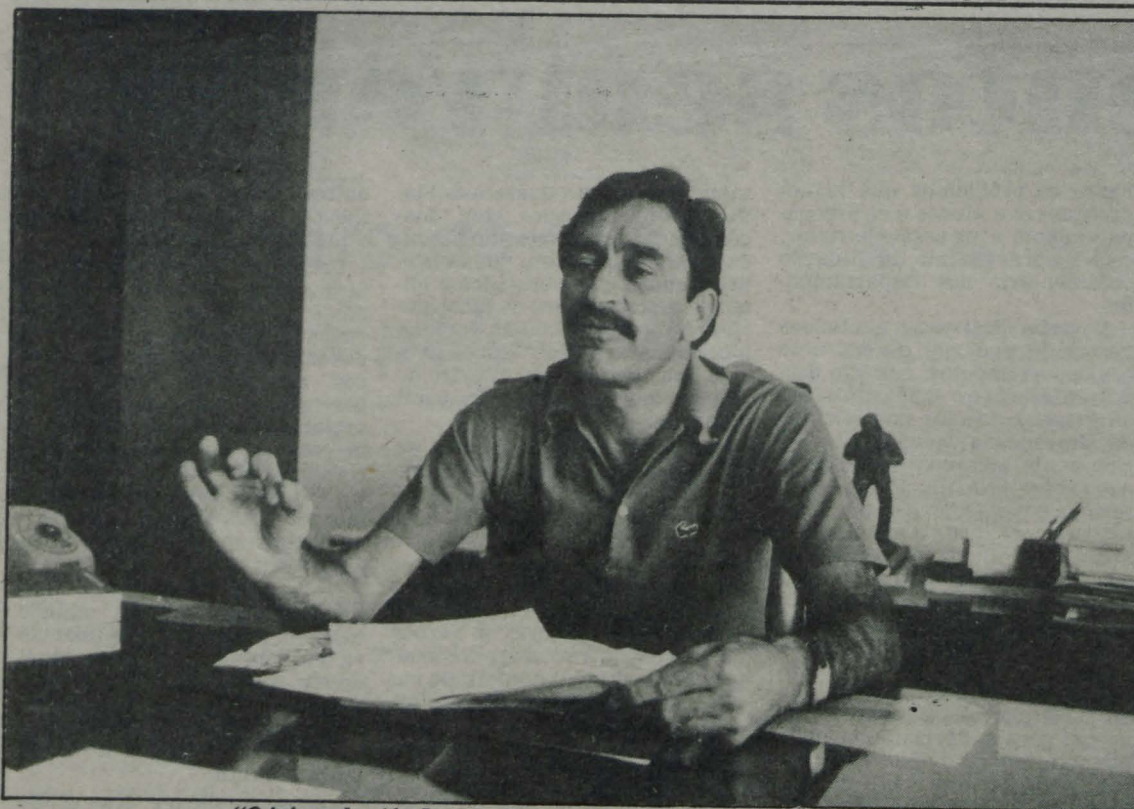
defasagem, principalmente estando a inflação a 200% ao ano."

Com relação à área de trabalho dos bolsistas, Renato afirmou que "as atividades dos bolsistas são idênticas às dos funcionários da UnB, ou seja, a de dar informações ao público, datilografar trabalhos de professores, servir na cantina do C.O., enfim, realizar tarefas concernentes a um auxiliar administrativo, tarefas essas que, na maioria das vezes, nada tem a ver com a área de estudo."

Lembram os bolsistas que um salário mensal de qualquer funcionário da UnB representa o valor das 21 bolsas, o que é uma grande distorção. Mas, "como os bolsistas não têm nenhuma

força, pois se a gente pára a UnB não pára, a questão do reajuste nos valores é meramente um problema moral para a UnB, e uma necessidade de sobrevivência dos alunos, que estão passando por sérias privações de ordem material", sustenta Renato Tarciso.

Seja como for, o certo é que o processo encontra-se na mesa de discussões (Conselho Executivo), com parecer contrário ao requerido pelos bolsistas, e a Diretora de Assuntos Acadêmicos (substituta), profª Nanci de Pilla, nega-se a receber a reportagem do Campus e a comentar o assunto, dizendo, apenas, por interposta pessoa, que "nada foi resolvido". (Carlos Augusto de Amorim Dutra).



"O juiz pode até não acreditar na lei. Porém, tem de cumpri-la"

Tóxicos são mesmo uma droga?

Uma pesquisa realizada no ano passado, pela cadeira de Psicologia Social, vem agora a conhecimento da comunidade universitária, colocando dados, os quais, mostram mais de 60% dos estudantes entrevistados como já tendo experimentado alguma das substâncias incluídas na Lei de Tóxicos e Entorpecentes.

Esses dados levantaram interesse por parte da Editoria de UnB que entrevistou o juiz titular da 1ª Vara de Tóxicos e Entorpecentes, Doutor Simão Guimarães. Há quatro anos como titular da Vara, Guimarães já foi também promotor, tendo então acumulado considerável bagagem de experiência no assunto.

Durante a entrevista, o juiz Guimarães mostrou-se bem claro, não se negando a responder nenhuma das perguntas feitas. Mais ainda, colocou claramente o anacronismo da lei com a sociedade atual.

"A LEI NÃO É CONTEMPORÂNEA"

"O juiz pode não acreditar na lei, mas tem que cumpri-la. Para o juiz, tem sido difícil atualizar a legislação com a realidade. Durante vinte anos o Poder Executivo baixou as leis e o Judiciário ficou limitado ao mero cumprimento. O Legislativo — O Congresso Nacional — praticamente nada podia fazer e, quem sofreu foi a sociedade civil".

Segundo o juiz Guimarães, o Judiciário e o Executivo deveriam ter um contato muito mais próximo, para que a legislação fosse dinâmica e contemporânea. Existem porém, "grandes" teóricos que nunca visitam um Fórum, não vão às delegacias, penitenciárias ou clínicas, nem nunca foram a casa de um réu para saberem que motivos lhe levaram a cometer o que fizeram chamar de delito. Muito pelo contrário. Limitam-se a ficar "teorizando", enquanto uma crise leva mais e mais as classes pobres a tentarem ganhar o sustento de suas famílias de qualquer maneira. Ai apelam para o tráfico.

"Tomemos como exemplo os crimes de trânsito. Teoricamente, só quem tem um poder aquisi-

tivo alto é que pode comprar um automóvel. Logicamente, atribuído deste silogismo, deveriam ser de motoristas particulares o maior número de processos que tramitam no Fórum. Mas não é ao. O maior número é de motoristas de caminhão, ônibus e taxis, ou seja, motoristas profissionais. Trabalhadores. Isso é simples; só quem é pobre vai preso. O rico resolve o seu problema na hora. E isso pode-se transpor para as delegacias de repressão e entorpecentes; a grande maioria dos processos são de moradores das cidades-satélites. E todo mundo sabe que o consumo de maconha é alto em todas as classes.

A LEI EM SI

A atual Lei de Tóxicos e Entorpecentes foi aprovada no Congresso Nacional, com uma folga da maioria da antiga ARENA em 1976. Inspirada na ideologia de segurança nacional, sob o postulado de perversão da juventude nacional, o uso de qualquer substância incluída na lei acarreta em penas de dois a até trinta anos, caso também incida no crime de tráfico.

Pela lei, o tráfico é "exportar, importar, remeter, preparar, produzir, fabricar, adquirir, vender, expor à venda ou oferecer, fornecer, ainda que gratuitamente, ter em depósito, transportar, trazer consigo, guardar, prescrever, ministrar, ou entregar a qualquer forma de consumo...".

Sob esse aspecto, o primeiro avanço em jurisprudência em Brasília foi dado pela 1ª Vara: Segundo a lei, se alguém passa um cigarro de mão em mão, está traficando. Porém a realidade não é essa, está se fumando coletivamente. Assim, a 1ª Vara tem desclassificado os casos de tráfico baseados neste princípio.

"A lei baseia-se na proteção do indivíduo; se o indivíduo é maior, senhor dos seus direitos e deveres para com a sociedade, o estado não deve ficar policiando o cidadão. Acredito que o crime é o tráfico, pois envolve a formação de quadrilhas, corrupção, etc. Porém, o uso consciente de maconha em fins-de-semana, em experimentação por curiosidade ou

como um hábito não é necessariamente uma ação criminosa na prática. Vários médicos e juristas já publicaram centenas de trabalhos onde provam que a maconha, se usada sozinha, não vicia.

MANUTENÇÃO DO APARATO REPRESSOR

"O Brasil é um país de grande tradição burocrática. Para dar um exemplo, qualquer intimação tem de ser feita pessoalmente pelo oficial de justiça. Isso com a gasolina a 672 cruzeiros e o oficial nada recebendo de ajuda de custo para o transporte. Como um sujeito que tem de andar de ônibus pode fazer uma justiça rápida? Não se poderia enviar a intimação pelo correio? No Brasil não. Há juristas, os "grandes" teóricos, que protestam veementemente contra isso. Pois segundo a tradição oriunda da legislação portuguesa sabe-se de que século, que, por sua vez, oriunda do direito romano, o réu deve ser citado pessoalmente (sic).

Porém, o pior não é isso. O Estado gasta verdadeiras fortunas com a manutenção do aparato repressor — polícia — enquanto que a causa do consumo é o tráfico. Que tem origem social. Em vez de se gastar fortunas em equipamento, pessoal mal remunerado, instalações e material, poderia-se dar a educação a toda essa infância que está nas ruas, tentando conseguir o dinheiro que seus pais não conseguem. Grande parte dos casos de tráfico é de pessoas desempregadas, que tentam conseguir o sustento de seus familiares.

"A solução é simples" diz o juiz Guimarães, "a lei tem de ser reflexo da sociedade. A liberação controlada do uso — somente para maiores de 18 anos, tal qual ao álcool — possibilitaria todo um avanço na magistratura brasileira. O uso ou o porte máximo por uma pessoa, acabaria com a figura do viciado, retirando-lhe o caráter criminoso e doentio que atualmente goza. E, possibilitaria uma atuação centrada naquele que vive exclusivamente do tráfico. (PENNINHA)

Juruna fala na UnB: Índios e Posseiros não são culpados

Com um jeito todo seu de falar, o deputado Mário Juruna declarou que a questão da terra deve ser melhor estudada para que se encontre uma solução tanto para os índios quanto para os posseiros, porque "os dois não são culpados; tem que estudar outro jeito". Juruna esteve na UnB no dia 29 de maio passado, participando de um debate promovido pela chapa "Transições Correntes" que concorre às eleições para o C.A. do Departamento de Economia. Perante um anfiteatro completamente lotado, o deputado preferiu responder imediatamente às perguntas dos estudantes ao invés de iniciar o debate com uma palestra.

Em resposta a um aluno, Juruna afirmou: "O índio não precisa viver no meio da civilização", mas é preciso que ele participe da nação. Essa participação não implica num total esquecimento de suas tradições. Pelo contrário, o que deve acontecer é um entrosamento entre os dois modos de vida. E mais necessária ainda é a participação do índio em todas as entidades e comissões que dizem respeito a ele "que tem nome de índio mas não conhecem o problema dele".

A recente mudança de administração da Funai (acelerada pelos conflitos desta com os índios Txucarramãe) é para Juruna a transposição de mais um obstáculo e uma vitória que deveria servir de exemplo para todos. Os índios pretendem modificar a imagem desta

instituição, já bastante desgastada, para que ela dê realmente assistência e proteção ao índio.

IGREJA

A intervenção da Igreja na cultura indígena é para o deputado uma atitude que ao invés de auxiliar acaba desvirtuando o ideal indígena, ou seja, destrói-se pouco a pouco os hábitos e tradições da tribo. A Igreja propõe que os índios lutem por seus direitos mas na hora de solucionar os problemas ela não presta nenhuma assistência: "Não adianta só pregar Deus tirando tradição de índio. Eles não pregam para eles, não seguem palavra de Deus; não podem pregar para índio".

A questão da terra também foi levantada. Segundo Juruna, nem índios nem fazendeiros tem culpa do que está acontecendo. Se um dia os índios fugiram de suas terras e ao voltar encontraram os posseiros, fica difícil agora encontrar uma solução que satisfaça a ambos. Ele falou que o problema maior não é a invasão das terras indígenas e sim "a autoridade que dá documentos frios é que faz a briga do índio e do posseiro".

Sobre a coesão dos índios nas lutas a favor da preservação e dinamismo da sua própria cultura Juruna disse que o índio está unido. Aliás, "o índio nunca aprendeu a divisão". (Ana Cristina Braz e Josué Benitz)

A questão da terra

Entrevista com Otávio Velho, antropólogo do Museu Nacional do Rio de Janeiro que esteve presente na 14ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada na UnB de 15 a 18 de abril de 1984:

Campus — O que é a questão da terra hoje?

Otávio — A questão da terra hoje é uma questão política em todos os sentidos. Como antropólogo acredito que as discussões, os debates e as ações em torno dela sejam necessárias para o desenvolvimento tanto da ciência Política e Social em geral como da própria Antropologia. A própria relevância social do assunto fez com que a Ciência em geral e a Ciência Antropológica não o ignorem mas sim aprofundem-se cada vez mais nos estudos das especificidades e amplitudes requeridas pela complexidade do problema.

Campus — No seu entender a sociedade brasileira tem participado da discussão em torno da posse e controle da terra pelas minorias étnicas?

Otávio — A sociedade brasileira sempre discutiu e conviveu com esta questão. Talvez a diferença básica entre a participação de ontem e a de hoje seja o grau de envolvimento das pessoas que tem aumentado consideravelmente. Atualmente já não pega dizer que a discussão sobre este assunto é agitação organizada por pequenos grupos sociais. Dentre as minorias étnicas, a questão do índio talvez seja a que esteja conquistado maior número de simpatizantes e participantes. Esse fato tem se concretizado principalmente pela atuação dos próprios grupos indígenas. E bom assinalar que, ao contrário do que muitas pessoas

pensavam, os índios, com todos os obstáculos colocados à manutenção de sua existência cultural, em vez de desaparecerem do cenário sócio-político nacional, estão cada vez mais. Os índios estão muito mais envolvidos na questão da terra deles do que nós, os não índios. São eles que tem mantido o problema atual, e através de sua luta específica, contribuído para levantar questões mais gerais para o âmbito da sociedade brasileira. Uma contribuição inestimável sem dúvida, sobretudo, por colocar claramente que a prática democrática necessita pensar e atuar numa coexistência com a diversidade. Negar e ainda dificultar a existência das especificidades dos grupos culturais, é nefasto e pernicioso para a manutenção do desenvolvimento de qualquer sociedade.

Campus — A questão da terra no Campo difere muito da questão da terra na cidade (moradia)?

Otávio — Existem inúmeras diferenças entre as diversas situações agrárias. O grande desafio político que se coloca hoje é como se articular uma luta geral, de âmbito nacional, sem substituir ou negligenciar estas particularidades. Na atual situação indígena, pode-se perceber os perigos pertinentes à "unificação" dos problemas e soluções agrário-urbanas como se fossem uma coisa só. Esta política além de ser ineficaz e burocrática é, na grande maioria dos casos, extremamente violentadora. (Ana Cristina Braz e Josué Benitz)

INL : um espaço a ser ocupado pela cidade

"O Instituto Nacional do Livro (INL) está querendo criar espaços culturais atuantes", afirma a diretora da Biblioteca Demonstrativa da 506/7 Sul, Maria da Conceição Moreira Sales. Uma importante iniciativa nesse sentido, de interesse da comunidade acadêmica, o cadastramento de autores independentes de Brasília foi iniciado em outubro do ano passado e já conta com cerca de 50 escritores catalogados. Terça-feira, dia 05 de junho, eles se reúnem na sede da biblioteca para tratar do assunto.

O cadastro visa um maior apoio à produção alternativa local e, frisa Maria da Conceição, não tem nenhuma espécie de discriminação, pois o que se espera é preservar a memória cultural da cidade e "não deixar que a produção literária se perca no tempo, por falta de registro".

Outra iniciativa importante: o Cine-Clube Glauber Rocha. Segundo Nara Antunes, chefe da Seção de Atividades Culturais, o INL cedeu o espaço físico e o equipamento necessário para a instalação do clube de cinema, mas ressalta que ele tem "vida própria", com estatuto auto-estabelecido e diretoria eleita em assembleia. "O Cine-clube não é do INL, e sim da comu-

nidade".

O Clube pretende não só projetar filmes, mas também debatê-los, convidar cineastas, promover palestras, cursos, fazer contato com embaixadas. A diretora da Biblioteca Demonstrativa, Maria da Conceição conta como surgiu a idéia. Foi lançado, primeiramente, um "balão-de-ensaio" através de cartazes e avisos afixados na biblioteca sugerindo aos leitores a criação do Cine-clube. A idéia vingou: várias pessoas se interessaram, reunindo-se sob o patrocínio do Instituto que, após ver os primeiros resultados, está divulgando a fundação do Clube na imprensa escrita e falada. A diretora Maria da Conceição convida a todos a também virem participar do Clube de cinema, e lembra que os não-sócios poderão frequentar às sessões, mediante pagamento de ingressos (a tade do associado é de Cr\$ 3.000,00 mensal).

Essa proposta do INL chega em boa hora, quando a cidade está sendo considerada um polo cinematográfico, e se caracterizado como palco de importantes eventos ligados à área, tais como cursos, lançamentos, festivais, mostras e encontros. (Nevinho Alarcão).

Cibernética social uma revolução mental

Revolução Mental, fazer cabeças para depois fazer a sociedade. Esta é a defesa de Waldemar de Gregori no seu livro lançado este mês em Brasília, "Cibernética Social". Waldemar de Gregori é professor na Universidade Federal de Santa Maria e tem formação em Filosofia, Letras e doutorado em Sociologia Política. Percorreu o Brasil e as Américas por mais de 10 anos, dando cursos de Cibernética Social.

Esta não é mais uma teoria de sociedade mas uma tentativa de solucionar o estágio de impasse ou colapso por que passam as teorias gerais de hoje. A Cibernética Social está baseada no "Jogo Triádico", onde três grupos se equilibram proporcionalmente, seja sistema x sistema ou sistema x grupo, de forma a viver no Inclusive. A fórmula para esta coexistência se chama: Proporcionalidade Triádica Compensatória por Rotatividade. "Quando se diz proporcionalidade triádica é porque os três subgrupos devem ter direitos mais ou menos proporcionais.

Proporcionalidade Triádica Compensatória, que compense estar neste planeta, viver, trabalhar, amar, estudar, senão a gente começa a matar uns aos outros. Se não for compensatória as pessoas cedo ou tarde apelam para a violência. Rotatividade para equilibrar os grupos. Quando se elege um governo de quatro em quatro anos a tentativa é fazer a rotatividade só que não se valem do jogo triádico. Nas sociedades de hoje só quem roda são as elites, as elites se substituem nas posições mais altas, é o chamado alejume democrático".

"O que proponho é o mecanismo de feedback que os três subgrupos possam manejar, uns em relação aos outros, é a eterna vigilância inter-subgrupual". O jogo triádico sempre forma alianças de 2 x 1 entre os subgrupos: oficial, oposição e oscilante (povão). Ou o povo se une ao oficial, ou o povo se une a oposição, e se o povo não se une a nenhum dos grupos então aí have-

ria uma rebelião, e no raciocínio triádico, oposição e subgrupo oficial se uniriam contra o povo. E por causa dessas uniões que o autor coloca como primeiro plano para mudança social ou equilíbrio, que se faça uma revolução mental antes". E preciso elevar o nível de compreensão na sociedade, principalmente o nível de compreensão crítica da sociedade no grupo oscilante, para a sobrevivência das atuais teorias.

CAUSAS DA CRISE

Em seu livro, Waldemar de Gregori divide em dois conceitos para melhor entender o desequilíbrio existente em cada sistema: "Temos a dinâmica de grupo que diz respeito ao poder, e a dinâmica de sobrevivência: saúde, trabalho, etc. Nos países capitalistas a relação dessas duas dinâmicas é proporcionalmente inversa, enquanto a dinâmica de grupo representa uma pirâmide de base larga, a dinâmica de sobrevivência é uma pirâmide inversa em cima da dinâmica de grupo, onde poucas pessoas que estão no topo da pirâmide de grupo consomem a maior parte dos meios de sobrevivência".

— Nos países socialistas a dinâmica de grupo deles só tem praticamente dois lados. A dinâmica de sobrevivência, não é tão desproporcional. As elites de lá não consomem nem 10% do que nossas elites consomem aqui. Só que o regime tem que ser muito controlado para impor esses limites, então excede-se no poder. A dinâmica de sobrevivência é compensatória a de grupo é que tem excesso de poder centralizado no partido — explica o autor.

Para os que estão interessados em saber mais sobre as formas de equilibrar este nosso planeta é só procurar nas livrarias "Cibernética Social" de Waldemar de Gregori da Editora Cortez. E uma proposta de interação meio-ambiente, meio ambiente, indivíduo, grupos e planetas. (REJANE PRETTI)



O Menestrel da cidade se apresenta na Funarte

Renato Matos: uma música candanga

"Um telefone é muito pouco/para quem ama como um louco/e mora no Plano Piloto". Principalmente "se a garota mora no Gama", como canta o "Menestrel da cidade", Renato Matos. Em seus onze anos de Brasília, o ator, pintor, compositor e cantor baiano já louvou a capital com suas diversas caras, formas, lugares, vazios e gentes — e é este o tema de seu novo show: "Breve Opereta Cine-Show Pau-Brasília".

O espetáculo, que se apresenta de 1º a três de junho na Sala Funarte às 21:30 h., busca retratar a cidade, "desde o homem que a criou ao homem criado nela", prestando uma homenagem às pessoas que foram e são importantes para a consolidação da capital. Assim, conta com versos de Vinicius de Moraes, Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, desenhos de Wagner Hermuche, filmes de Wladimir Carvalho ("Brasília segundo Feldman") e Hermuche ("Brasílianas") e TVs de Tânia Quaresma sobre a cidade.

Na verdade, Renatinho (pelo

seu tamanho e por carinho), é um apaixonado por Brasília. Apesar de ter vindo para cá temporariamente fazer teatro, foi ficando. Participou da fundação do Grupo Cabeças, fez diversos shows pelo Projeto Platéia nas satélites e em 79 participou do Projeto Pixinguinha, sendo premiada a sua "Grande Circular".

Apesar do título de Menestrel, Renato diz nunca ter feito algo intencionalmente para Brasília. "As idéias vêm surgindo ao andar pela cidade, num ônibus, vendo as coisas". Para ele, sua música não é estanke, é "uma globalidade de todos os detalhes sonoros que já ouvi até agora, o néctar do rock, jazz, samba, afoxé, baião, choro... algumas saem mais para o rock ou qualquer outro ritmo. O negócio é que o artista abre caminho e o crítico vem e põe a sinaleira".

"O que faço é uma artesanatidade, mistura de artesanato com natalidade". Artesanato, sim, pois Renato se auto-produziu, "já que não dá para es-

perar o apoio oficial que demora muito, quando vem. As vezes, como nas satélites, tem-se o espaço, mas falta infra-estrutura. Você acaba pagando para se apresentar. O sistema é viciado, quer se fazer um artista por dia e a gente fica dependendo da sorte de cair no redemoinho da Ariola".

Para o artista, há receptividade para seu trabalho tanto nas satélites como no Plano Piloto. Seu público é principalmente "uma elite de universitários, intelectuais beirutianos, o público do 'Cabeças', uma rapaziada nova que andade bicicleta. É uma elite curiosa, pois a massa depende de ver no "Fantástico" p-ra ir ver".

Quanto à UnB, o compositor acha ser um lugar ideal, pois tem espaço e o público. Renato pretende se apresetnar na universidade para "sacudir o universitário, que está hibernando na sua caverna moderna". Para ele, o que dificulta é o show não ser pago, o que onera muito para o músico. Então, enquanto ele não vem, vamos nós lá na Sala Funarte. (Marta Rosário)

Curso Cinema Documentário

"Introdução ao Cinema Documentário" é o nome do curso promovido pela Associação Brasileira de Documentaristas — ABD, seção DF, com o apoio da Embaixada da França, MAM e da Caixa Econômica Federal, que cedeu seu auditório (Setor de Autarquias Sul) para realização do evento. A promoção da ABD continua um programa iniciado na gestão anterior (1983), quando foi realizado outro importante curso. Este ano, organizado pelo cineasta Marcos Mendes, realiza-se de 5 a 14 de junho, sempre no auditório do Conjunto Cultural da Caixa um curso que também tem a finalidade de movimentar a área cinematográfica de Brasília.

"Este curso — diz Marcos Mendes — é uma tentativa de abrir novos horizontes aos leigos, aos iniciantes, aos alunos de artes visuais, ou mesmo de capacitar antropólogos e musicólogos a manejarem a linguagem documental". "O curso — continua — não é uma coisa isolada, ele está diretamente ligado ao curso de cinema que existia na UnB, criado por Paulo Emilio Sales Gomes, Jean-Claude Bernadet, do qual fizeram parte os professores Rogério Costa Rodrigues, Wladimir Carvalho, entre outros, e que foi

extinto pela ditadura da Reitoria".

O extenso programa do curso se divide diariamente das 20 às 23 hs., em palestra teórica/histórica, projeção dos filmes, e ao final, debate e comentários, sendo sábado também das 15 às 18 hs. A programação é a seguinte: dia 05, terça-feira, Cinema e Realidade-Dziga Vertov, acompanhado do filme KINO GLAZ, de Vertov; dia 06, Flaherty-Cinema/ Antropologia/ Poesia, com projeção de NAMOOK OF THE NORTH; dia 07, Vanguarda Francesa-Escola Britânica-Neo-RTalismo, acompanhada do filme DRISTERS, de John Grierson; dia 08, Cinema/história/Política, palestra seguida do filme TERRA DE ESPANHA, do cineasta Joris Yvens; dia 09 (sábado) às 15h., Humberto Mauro-Cinema Educativo, com BRASÍLIANAS e CARRO DE BOIS; dia 09 (sábado) às 20 hs., Cinema Novo-Cinema Verdade-Cinema Direto, com os filmes CHRONIC QUE D'UN ETE, de Jean Rouch e Edgard Morim e ARUANDA (considerado o primeiro documentário do Cinema Novo), de Linduarte Noronha; dia 12, Elucção do Documentário Brasileiro — Cinema e Sociedade, acompanhada dos fil-

mes CASA DE FARINHA, de Geraldo Sarno e QUARUP, de Fortham, e o filme de Manfredo Caldas, CINEMA PARAIBANO-20 ANOS; dia 13, Cinema e Educação, palestra acompanhada dos filmes DON ORIONE e OXENT, POIS NÃO! ambos de Joaquim Assis; dia 14, Cinema do Real/Ficção, com filme REM-PARTS D'ARGILLE, de Jean Louis Bertoucelli; e finalmente dia 15 teremos um debate sobre as perspectivas do cinema brasileiro, e Encerramento.

Os expositores serão, entre outros, os professores Wladimir Carvalho, Geraldo Sobral Rocha, Grace Maria Machado de Freitas e Laura Maria Coutinho. O coordenador do curso, cineasta Marcos Mendes, diz ter trabalho incansavelmente e "que o pior está por começar", mas espera uma boa resosta do público, que certamente o compreenderá. As inscrições estão abertas na sede do IAB(603 sul) e no CeprocCine, SBN Ed. Central-Brasília, das 14 às 18 hs. Tel. 2234903. O preço é baratíssimo: Cr\$ 12.000,00 para o público e Cr 6.000,00 para associados da ABD e alunos do Departamento de Desenho da UnB.

Nevinho Alarcão

Figueiredo no Oriente tentando negociar

De acordo com a agenda oficial de Figueiredo, esta foi a sua última viagem internacional. Sendo que desta vez, ao embarcar, para a China e Japão, o presidente demonstrou estar alegre, pois até sorriu para Aureliano. Para o jornalista Almiro Pena do **CORREIO BRAZILIENSE**, Figueiredo sorriu provavelmente porque "estava alegre por passar toda a bananada ao vice".

Segundo Artur Gondin, da TV Globo, "essa viagem ao Japão não é muito significativa, pelo menos a curto prazo, porque vai dispersar maior interesse por parte do Japão em relação a produção brasileira. Os japoneses estão interessados no álcool do Brasil, mas pouco pode ser feito, já que esta fonte alternativa é produzida em quantidade insuficiente para atender a nossa própria demanda". Esta visita tem mais significação política do que econômica. Isto muda em rela-

ção a visita a China que é um mercado fechado comercialmente".

Artur Gondin disse ainda "que o custo desta viagem não condiz com a pretensa austeridade administrativa que o Figueiredo falou, pois foram dois aviões levando a comitiva. Embora isto não abale a economia do País, contraria a afirmação do Presidente".

QUEM PERMANECE

Na presidência, o vice Aureliano Chaves, com algumas posições contrárias ao seu partido poderia causar algum "incômodo" ao governo. Por ser candidato à presidência da República e do sistema ele se encontraria num impasse: não contrariar sua própria posição e não tomar medidas que não o indisponha com o presidente Figueiredo. Juntamente com o presidente em exercício ficaram na Casa três

ministros: o Chefe do SNI Octávio Medeiros, que não pode viajar junto com a comitiva por motivo pessoal; o ministro para Assuntos Fundiários, Danilo Venturini, "aparentemente" não tem nada a ver com o ministério dele nesta viagem; enquanto que o ministro Leitão de Abreu sim, teve uma razão "aparente": dar encaminhamento à negociação política.

O presidente já foi convidado para viajar no próximo semestre para a Itália. Se Figueiredo aceitar, Aureliano for candidato, quem poderá assumir a presidência será o presidente da Câmara Flávio Marçilio. Se Marçilio vier a ser o vice de Maluf, assumirá o presidente do Senado, Moacir Dalla. Caso se declare impedido por qualquer motivo, a presidência será ocupada pelo presidente do Supremo Tribunal Federal, Cordeiro Guerra. Aparecida Timboni



Planalto ameaça: Maluf no poder

Paulo Salim Maluf. Este é o grande trunfo do governo nas negociações em torno da sucessão presidencial, apesar do deputado paulista não ser nem de longe o candidato do Palácio do Planalto. Maluf é o fantasma criado para impor as teses do governo do diálogo político, teses muito pouco definidas. O comportamento do presidente João Figueiredo diante das negociações tem levantado suspeitas, por parte dos analistas políticos, sobre sua real intenção a um entendimento com os partidos de oposição. Com o pedido de adiamento do parecer da comissão que analisa a emenda do Ministro Leitão de Abreu, a votação será em meados de agosto. De qualquer maneira, o prazo fatal para o entendimento é início de setembro, quando o PDS realizará sua Convenção Nacional.

Para a deputada Bete Mendes do PT, o deputado Paulo Maluf é um problema interno do PDS e do governo, que está querendo empurrar para a oposição. O PT, segundo a deputada, mantém a proposta de se lutar pelas Diretas-Já, inclusive com a manutenção das mobilizações populares. A decisão do PT, até o momento, é de não votar no Colégio Eleitoral. Bete Mendes não cita nomes para o consenso, mesmo porque para ela o importante, no caso de um único candidato das oposições, é um programa unitário mínimo de governo. E neste sentido que Lula, presidente do partido, se encontrou com Ulysses Guimarães, Leonel Brizola e Franco Montoro.

Brandão Monteiro, líder da bancada do seu partido na Câmara dos Deputados (PDT-RJ), assina uma emenda à emenda do governo, que prevê diretas-já com mandato de transição de dois anos. A proposta do PDT de um mandato tampão, com um governo de conciliação nacional, se baseia na visão da necessidade da consciência de mandatos do Executivo e Legislativo. Brandão cita exemplos em que o presidente governou com minoria no Congresso, como nos casos de Jango e do segundo governo de Getúlio, e os governos foram marcados pela crise. Ainda na proposta de emenda do deputado, o Congresso eleito em 86 teria poderes constituintes. O PDT, segundo o líder não definiu sua posição quanto ao Colégio Eleitoral, apesar de denunciá-lo. Ele afirma que o partido poderá votar no Colégio Eleitoral, se isso significar a derrota do sistema. O partido é pelo nome de consenso e acha que o mesmo sairá dos partidos de oposição. Lembra ainda que o vice-presidente Aureliano Chaves, não pode sair candidato das oposições no Colégio Eleitoral.

Dentro do PMDB as correntes se dividem nos moderados, que querem negociar um nome para o consenso, com Tancredo liderando as preferências, e os autênticos que estão contra negociar as diretas-já.

NO PDS

No grupo pró-diretas, deputado Israel Pinheiro Filho (PDS-MG), porta voz do grupo, acha que a eleição direta tem chances reduzidíssimas de ser aprovada como emenda ao projeto de Figueiredo. Isto se deve ao fato de que os políticos dificilmente mudarão a posição assumida na votação da emenda das Diretas-Já, pois politicamente passariam por incoerentes. E certo que se houver proposta das Diretas-Já, na emenda Figueiredo, a oposição perderá votos para o governo.

O grupo pró-diretas, do PDS, não está visando a implosão do Colégio Eleitoral. O que está errado no sistema é a convenção partidária que praticamente elege o presidente da República. O candidato vencedor da convenção — do PDS — passa a negociar em nome do próximo governo. Então não adiantaria uma mudança no Colégio Eleitoral como por exemplo, a participação de seis delegados de cada assembleia legislativa estadual — escolhidos pela bancada majoritária — pois estes delegados já viriam com seus votos comprometidos, já negociados com o candidato vencedor da convenção.

Segundo Israel Pinheiro, na próxima convenção do partido, o candidato com maiores possibilidades de vencer, é o vice presidente Aureliano Chaves. Ele ressalta, "o bom senso vai prevalecer", e acha que Tancredo e Aureliano são os candidatos com maiores chances de serem eleitos para a presidência — principalmente porque têm um pensamento parecido: os dois acreditam em reformas estruturais na sociedade brasileira.

O mandato tampão não é o ideal, mas com um candidato de conciliação e o governo de coalisão é provável que a maioria do grupo pró-diretas e também das oposições apoiem um nome de consenso. Isto significa uma derrota para a ala conservadora do PDS. Com relação à emenda Figueiredo, Israel Pinheiro afirma que apoiaria se houvessem mudanças, como por exemplo, a convocação da Assembleia Nacional Constituinte em 86, a devolução das prerrogativas do Congresso e outras.

O mais importante é que o presidente Figueiredo não parece muito disposto a negociar sua emenda, ameaçando retirá-la do Congresso e criando assim o impasse. (Cid Furtado Filho e Cid Queiroz)

Aureliano racha PDS

"Novo partido: uma solução alternativa". Assim o deputado Norton Macedo (PDS-PR, pró-diretas), uma dos articuladores da idéia, justificou a formação de uma nova agremiação política que seria encabeçada pelo vice-presidente Aureliano Chaves. "O que pretendemos é encontrar uma saída que livre o Brasil de escolhas que agredam a sociedade brasileira e a vontade nacional", continuou Norton.

O surgimento de um novo partido na cena política nacional serviria como um fator de destabilização do PDS, que detém fraca maioria no Colégio Eleitoral. Segundo Norton Macedo "a implosão do PDS e a mudança das atuais regras do jogo não é o objetivo principal, mas pode ser uma das conseqüências". A idéia dessa reestruturação partidária se deve a uma pré-definição do eleitorado que optou claramente por eleições Diretas Já; fato que não acontecia desde 1945 na história das disputas sucessórias.

Segundo os articuladores, já haveria congressistas em número suficiente para viabilizar esse novo partido, inclusive "lideranças estaduais comprometidas com esse caminho". O nome do vice-presidente, nesse contexto, surgiria como uma opção natural, pois segundo Norton Macedo "a sociedade brasileira, ao optar pelas diretas, manifestou e manifestará nítida preferência por Aureliano Chaves".

REAÇÕES

Comentários surgidos nos corredores rolantes do Congresso Nacional refletem o receio de parlamentares do PDS em relação à idéia. Apostando no fracasso dessa empreitada, certos congressistas duvidam da capacidade do grupo dissidente em reunir um número mínimo de simpatizantes que viabilizem a idéia.

Apesar da oposição do PDS, mais uma vez se fortifica o nome do presidente Aureliano Chaves que, assumindo interinamente o governo, resolveu objetivar o tão falado — e pouco visto — processo de negociação. Nesse sentido, contactou líderes oposicionistas e se propôs a dar o primeiro passo em direção a uma tentativa de conciliação de opiniões divergentes. Segundo o Assessor de Imprensa da vice presidência, João Batista Correa, Aureliano está "desobstruindo canais para viabilizar a negociação" e com isso "estaria tentando facilitar a tarefa do presidente Figueiredo".

Ventos que sopram do oriente vieram esfriar o vendaval político que se instalou no país desde a partida de Figueiredo. Carlos Atila, porta-voz do Presidente, afirmou que Figueiredo se reserva o direito de encaminhar a negociação, ao que Aureliano respondeu que não precisa de autorização de ninguém. Agora é esperar pra ver. (Jair Pereira)

Assembleia Constituinte, o maior poder do estado

A bandeira da Assembleia Constituinte volta à ordem do dia. Tirada da prioridade em função da campanha pelas Diretas Já, é agora empunhada não apenas pelas mãos que a ergueram há quatro anos: a OAB e o PMDB. Outros partidos já têm posição favorável à Constituinte. O interesse em um reordenamento constitucional abarca diversos setores da sociedade e do Parlamento, indicando a possibilidade concreta de vir a ser convocada em 1986.

Instância soberana — preexiste à própria Constituição — a Assembleia Constituinte pode formalmente ser convocada pelo Congresso Nacional ou pelo Presidente da República.

O poder constituinte, segundo ensina a teoria jurídica, é o mais alto poder do Estado. É ele que define a organização estatal, as competências e o modo de funcionamento dos seus órgãos principais, a relação entre o poder público e privado.

Na elaboração de uma constituição, o papel das doutrinas é importante na medida em que traduzem os interesses das forças políticas dominantes.

A OAB, segundo o conselho de Brasília, Luiz Carlos Sigmaringa, defende a convocação da Assembleia Constituinte precedida de amplo debate nacional entre todas as correntes de pensamento e com a necessária antecedência. Para Sigmaringa, é fundamental que a Assembleia Constituinte seja eleita livremente.

Tais condições são exigidas também pelo PMDB. A Constituinte unifica todas as facções do partido. Ulysses Guimarães vê como necessário para superar o arbítrio um novo diploma legal, constituído legitimamente, ou seja, através da Assembleia Constituinte.

O Partido dos Trabalhadores está discutindo a questão nas suas bases. Dia 4 o partido reunirá o Diretório Nacional para tirar sua posição oficial. Parlamentares do PT têm posições diferentes entre si. O líder Aírton Soares é favorável à Constituinte. Dep. Eduardo Suplicy também, "desde que haja liberdade para a campanha, se acabe com a Lei Falcão e todas as correntes políticas possam se expressar". Já o Dep. Djalma Bom não acredita que a Constituinte neste momento seja ideal para os trabalhadores, "pois a correlação desigual de forças políticas não permitiria uma representação da classe na medida da sua importância, nem a atual organização conseguiria garantir a sustentação da nova ordem legal. A história demonstra isso. Foi o caso da Constituinte de 46".

O PDS, segundo declarou o secretário-geral, Dep. Homero Santos, "vê com simpatia a proposta, mas é preciso que seja estudada e discutida bastante. Poderá ser um dos meios para fazer valer o desejo do Presidente Figueiredo em estabelecer no país a democracia". O Dep. Israel Pinheiro, por sua vez, assegura que o grupo pró-diretas, do qual é um dos articuladores, é "francamente favorável a convocação da Assembleia Constituinte em 86 para se realizar em 87".

"Fomos o primeiro partido a colocar essa questão como prioritária", garante o vice-líder do PDT na Câmara dos Deputados, Bocaluva Cunha. Defendendo uma legislação eleitoral livre, o PDT quer a Constituinte em 1986.

Também é para 86 a eleição da Assembleia Constituinte, na proposta do PTB, cujo líder, Nilo Peçanha, julga a atual legislação eleitoral suficiente para convocar a Constituinte: "ela é livre".

BNH, nossa última morada

Mutuários executados, sem teto. Crescente número de inadimplentes, comprometendo a retomada da economia. 50 mil desempregados na área de engenharia civil. Liquidação extrajudicial de sociedades de crédito imobiliário. Falta de captação de recursos através do FGTS. Este saldo reflete o Sistema Financeiro de Habitação (SFH), que pode ser alterado, a qualquer momento, com o atual posicionamento dos mutuários hoje, mais conscientes dos problemas que afetam a questão de habitação no Brasil.

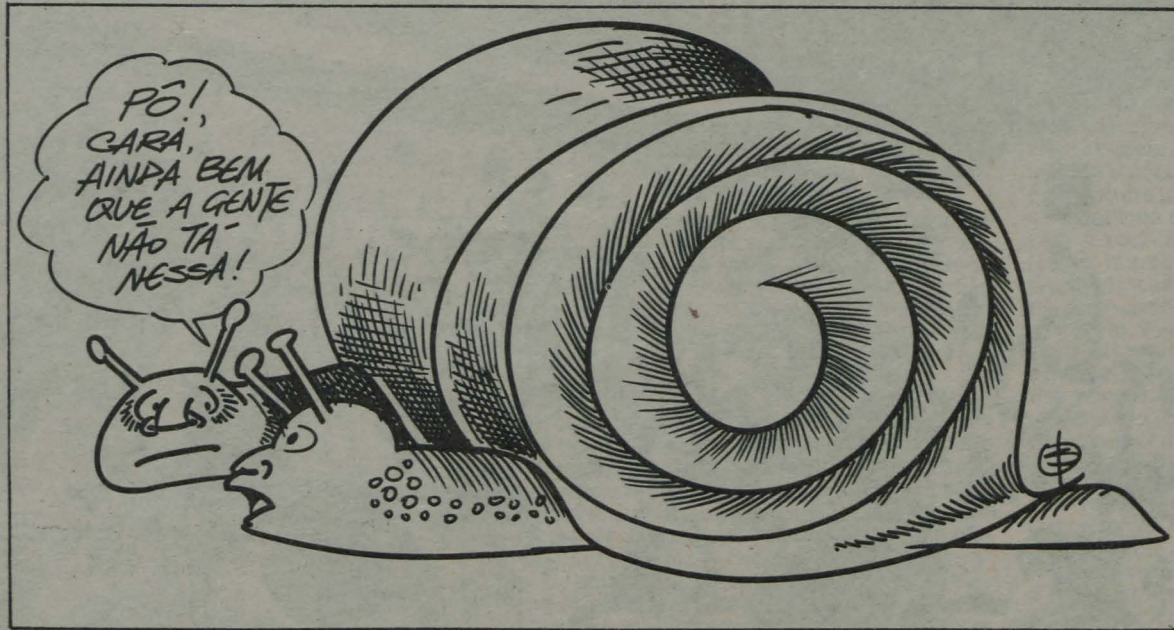
Diante deste quadro, as críticas ao SFH, que vem ampliando brechas em vários setores econômicos, aumentam a cada dia. O presidente do Sindicato dos Engenheiros de Brasília, Armando Buckmann, chegou a classificá-lo como um órgão que exerce verdadeira ditadura na área da construção civil. Importante fonte de uma entidade financeira diz que o BNH vem desempenhando seu papel social de maneira inversa, muito embora acredite ao governo central a maior parcela de culpa pelos quase dois milhões de mutuários que não pagam em dia suas prestações.

FRUTO DA IGNORÂNCIA

Pesquisa realizada recentemente pelo jornal *Folha de S. Paulo*, revelou que 47,4% dos mutuários entrevistados — quase a metade — acreditam não ter condições de pagar suas prestações após o reajuste de 180% no mês de julho. Esta situação se agrava na medida em que o número de mutuários desinformados alcança a casa dos 63,2%, o que implica na renovação de um contrato de reajuste elaborado pelo BNH, com soluções apenas imediatas.

Para esclarecer o mutuário sobre estas alternativas de redução de reajuste, o BNH está distribuindo um folheto ao mutuário no qual oferece três opções que se resumem na escolha do salário mínimo como base de cálculo dos reajustes; na mudança do sistema de amortização do seu financiamento, mantendo os reajustes das prestações pela correção monetária; e na escolha do salário mínimo, como base de cálculo dos reajustes, combinando com a mudança do Sistema de Amortização.

Sem se identificar, importante



funcionário de uma entidade financeira, classificou o folheto como um amontoado de frases soltas e um emaranhado de dados técnicos, onde a pessoa, para entender, teria que trabalhar num agente financeiro. "pois esta cartilha — como é chamada — traça linhas básicas, com alto grau de confiabilidade, o que resultará numa solução imediata, mas não definitiva, com reajustes cada vez mais altos, no futuro".

Provavelmente, foi com base neste dado técnico, que o presidente do Sindicato dos Engenheiros de Brasília revelou não alimentar esperanças de que estas novas propostas do BNH modifiquem o quadro de crise na construção civil, "porque o SFH encontra-se absolutamente descreditado. Melhores perspectivas se concentram no próximo governo, desde que seja um governo que represente mudança no atual sistema político".

Este contrato de redução de reajuste trás no seu bojo, também, a intenção de reduzir o número de inadimplentes, muito embora as previsões não sejam das mais alentadoras. Um articulista da *Folha de S. Paulo* chega a antever uma ampla possibilidade

no aumento de inadimplência, o que pressionaria o fluxo de caixa dos agentes financeiros e do BNH "comprometendo a expectativa de uma retomada do crescimento econômico, já que o setor da construção civil, que depende do SFH, é o grande empregador de mão-de-obra, principalmente não qualificada".

DESEMPREGO

Muito embora não creia na estagnação do mercado imobiliário qualificando-o de "quase desativado", Armando Buckmann vê, como alternativa, apenas as naturais transações particulares, tendo em vista a falta de investimento público, de praticamente nenhum investimento de agentes financeiros e do elevado custo do dinheiro.

Segundo o engenheiro, a construção civil foi o primeiro segmento da economia a ser atingido pela crise, especialmente Brasília, onde a dependência do poder público é mais acentuada, exercendo um controle de cerca de 90% o que a nível nacional, representaria apenas 70%.

Armando Buckmann, lembra, ainda, que neste fim de governo todo voltado para a exportação, a situação vem se agravando ainda

mais, pois não há investimento governamental em obras e serviços ligados à construção civil, gerando o desemprego, a crise no comércio e indústria de material de construção, além de desativar construtoras e consultorias que antes mantinham equipes técnicas de alto nível.

Esclarece que, só em Brasília, existem 600 engenheiros e arquitetos sem trabalho os quais, somado ao número de desempregados de todo o País, alcança a casa dos 50 mil. Isto sem considerar os profissionais que vivem do subemprego — salários muito abaixo do piso. E sem identificar a pessoa, cita o exemplo de um engenheiro, em Brasília, que para sobreviver, está fazendo serviço de jardinagem.

Um artigo da *Folha de S. Paulo*, publicado no último dia 20, credita à construção civil a responsabilidade pela colocação de aproximadamente seis por cento da população economicamente ativa, por 40% dos empregos no setor secundário e por 6% da renda nacional.

FALENCIA E BNH

As últimas semanas foram marcadas por grandes manche-

tes nos principais jornais do País, que anunciaram a liquidação da Economisa, Continental, e mais 231 lojas de caderneta de poupança no Rio de Janeiro, São Paulo, Mato Grosso e Brasília, do grupo Haspa-Colmeia e Letra S/A. Isto levou o assessor jurídico do grupo Letra a considerar o episódio como "um lamentável espetáculo da derrocada que o SFH está sendo vítima".

Mas enquanto o assessor jurídico da Letra S/A classifica o SFH de vítima, há quem faça duras críticas ao BNH. E apesar de preferir não se identificar, a fonte de uma entidade financeira estatal desabafa dizendo que a política de financiamento adotada pelo sistema inflacionou o mercado, pelos grandes investimentos que resolveu fazer, não como propunha a maquete, o projeto, mas com a conclusão e venda de quase todas as moradias ainda na planta. Este comportamento resultou em prestações altas, que inviabilizou o seu pagamento.

Embora com opiniões bem definidas, mas sem querer aparecer, a fonte fez questão de dizer que a crise do BNH foi acentuada com a valorização das aplicações financeiras e suas rentabilidades através de incentivos à caderneta de poupança, captação de depósitos com o dinheiro sendo remunerado, até especulativamente, em detrimento do investimento em bolsa ou no meio produtivo.

E esclareceu que se o governo tivesse crises setoriais, mas o BNH estivesse 100% bem administrado, conseguiria, como entidade autônoma, sobressair-se à crise e que foi justamente por ter ficado à mercê do governo, através do Ministério do Interior, que tem sido atualmente um órgão político ou de medidas essencialmente corretivas e não preventivas.

Mas é o professor de Economia da UnB, José A. Sant'Anna, quem se adianta para dizer que o BNH poderia estar falido, caso não tivesse por trás o forte aval do governo. O seu destino seria exatamente igual a de todos os outros, agentes financeiros liquidados extrajudicialmente pelo Banco Central. (Lêda Sampaio e Luis Carlos Queiroz)

Nordeste cobra seu petróleo

Mais de Cr\$ 41 trilhões é a quantia que o Nordeste pode arrecadar, se for aprovado pelo Presidente da República o projeto de lei do deputado Geraldo Bulhões (PDS-AL), que estabelece uma indenização de 4% aos Estados e 1% aos municípios produtores de petróleo sobre o valor do produto extraído da plataforma continental.

Esta cifra se baseia em dados fornecidos pela Assessoria de Relações Públicas do CNP (Conselho Nacional do Petróleo) sobre a produção do petróleo no ano passado, calculada em, aproximadamente, 18 milhões de barris na plataforma nordestina.

Um funcionário do CNP acha que o projeto será vetado pelo Presidente da República, já que o Rio de Janeiro de Leonel Brizola é, de longe, o maior produtor marinho e seria o principal beneficiado. Além disso, o projeto é inconstitucional, uma vez que a constituição declara que o mar territorial pertence à União.

Este argumento é contestado pelo deputado Francisco Pinto (PMDB-BA). Ele acha que o subsolo também é da união e, portanto, dentro desse raciocínio, seria de se esperar que os Estados e municípios não recebessem qualquer indenização sobre o petróleo extraído de suas terras, coisa que não acontece. Na verdade, desde os anos 50, os Estados que produzem petróleo recebem royalties sobre o óleo do subsolo.

Francisco Pinto lamentou que um projeto como o do deputado Geraldo Bulhões não tenha chegado há muito mais tempo, pois as reservas da Bahia estão se reduzindo e o Estado não pôde auferir suas vantagens. As rodovias de São Paulo foram asfaltadas com petróleo nordestino, enquanto nossos Estados permaneciam na miséria, desabafa Pinto.

Ele não acredita que os novos royalties venham salvar o Nordeste pois, "sendo essa região comandada por uma pequena elite, passaria a receber obras faraônicas em benefício de umas poucas pessoas". Entretanto, admite que qualquer injeção de recursos no Nordeste é bem vinda, dada a penúria em que se encontra a região.

Na opinião do deputado, o projeto pode ser vetado pelo presidente Figueiredo, mas não simplesmente por causa de Leonel Brizola. "Este é um complicador, porém o motivo principal está no concentracionismo do governo federal — uma tradição do governo brasileiro — que se agravou depois de 1964. A sua finalidade é aumentar a dependência dos Estados e impedir uma possível articulação entre os governadores.

Para Francisco Pinto, o argumento de que os royalties sangrariam os cofres da Petrobrás não tem consistência, pois dentro dessa linha de pensamento, os royalties atuais não deveriam estar sendo pagos. (Adalberto Passos e Ulisses Lacava).

Juros unem devedores

"A iniciativa dos governos do Brasil, Argentina, México, Colômbia e Equador de se posicionarem contra a alta de juros internacionais e a escalada do protecionismo dos países ricos, teve repercussão favorável entre as lideranças empresariais gaúchas. O presidente da Federação e Centro das Indústrias do Rio Grande do Sul, Luiz Octávio Vieira entende que "esta mobilização é altamente oportuna e que as coisas estão se encaminhando no sentido de uma negociação mais consentânea da dívida externa a partir de 1985".

Nem mesmo a insatisfação, dos ministros da área econômica, modificou a opinião do Itamarati em considerar imprescindível uma postura antes de tudo política, diante do impasse criado com a alta de juros no mercado internacional provocada pela majoração da prime rate nos Estados Unidos.

Luiz Octávio acrescentou que "é justamente por isso que vem se batendo pela implementação de um processo sucessório que dê ao País um presidente da República mais

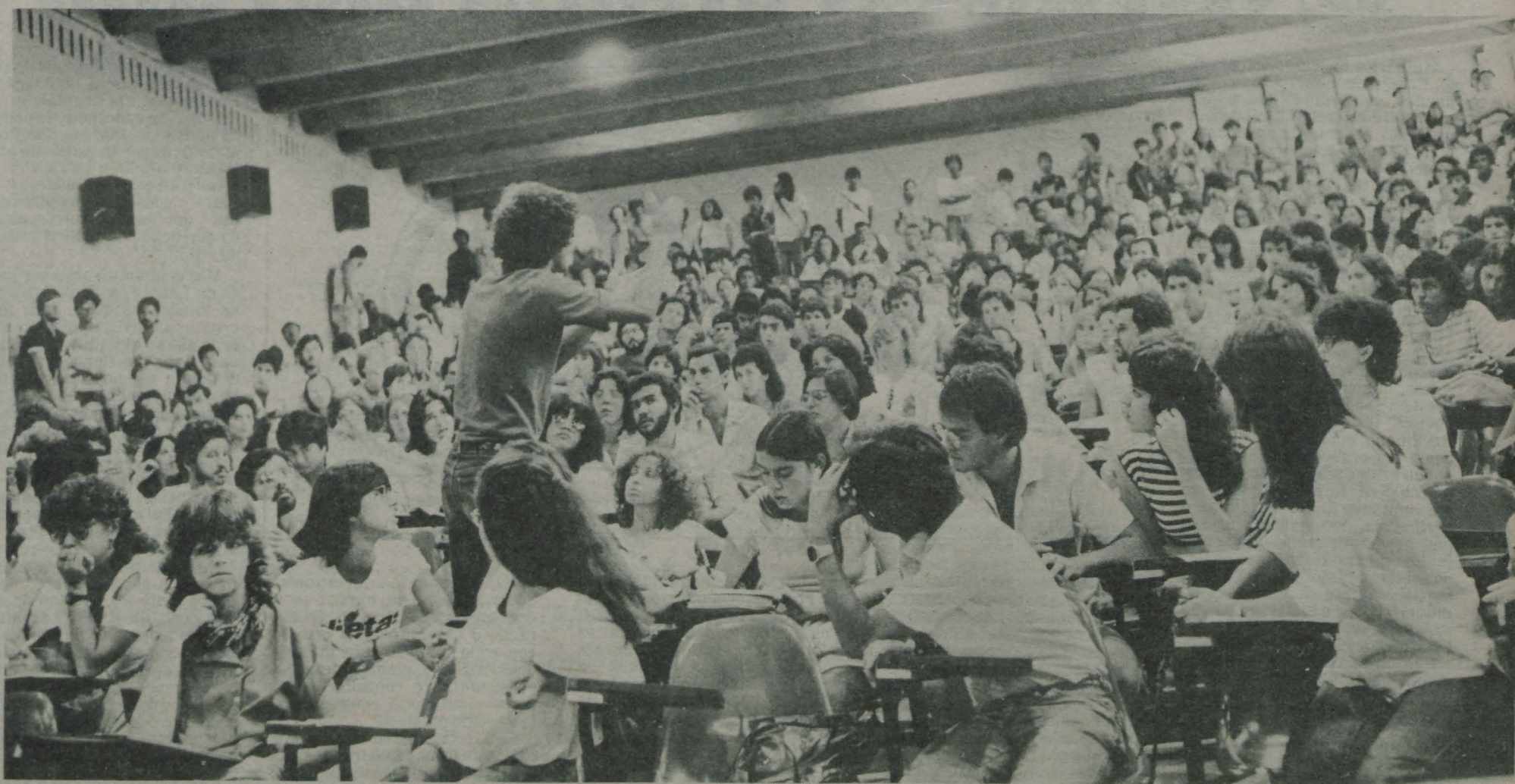
representativo e solidário com a sociedade brasileira e que, portanto, tenha condições básicas de liderar esta negociação externa em que sejam efetivamente levados em conta não só os interesses dos credores, mas principalmente, dos devedores".

Segundo Luiz Octávio, as causas da dívida tem forte conotação política, relacionadas com modificações na conjuntura internacional. E acredita que "a solução deste problema, deve ser resolvido pela via política.

Com intuito de impedir uma escalada de juros, governantes dos sete países mais industrializados do mundo tentarão convencer o presidente Ronald Reagan a mudar a política monetária adotada pelo seu país, no dia 6 de junho.

Uma outra reunião de chanceleres e ministros da área econômica dos países signatários da nota conjunta — de 7 a 11 de junho em Bogotá — terá a participação de outros países da América Latina, ainda não engajados à lista. (Helôisa Helena Vieira)

CHEGOU A HORA DE MUDAR. A UnB SE PREPARA PARA UM



Durante dois dias, de manhã e à tarde, a Universidade parou para discutir-se. A UnB deve escolher seu próprio reitor

Taí a lista: ao diálogo agora?

Está composta a lista sêxtupla: 80% dos professores e 63% dos alunos compareceram às urnas nos dias 24 e 25 passados para escolher o seu candidato a reitor, ou melhor, seis nomes, dos quais um poderá ser o sucessor de José Carlos Azevedo. O próximo passo agora é o diálogo com os membros do Colégio Eleitoral, para que aceitem a decisão da comunidade. Os seis nomes da lista são: Dêrcio Garcia Munhoz (4.945 votos), Frederico Simões Barbosa (3.903), Cristóvan Buarque (3.605), José Carlos Coutinho (3.592), João Claudio Todorov (3.482), e Marcio Villas Boas (3.340).

Essa foi a segunda e última fase do processo eleitoral desencadeado pelos professores e que teve, desta vez, a presença também dos alunos. A participação das duas categorias se deu de forma paritária em relação ao número de membros aptos a votar. A apuração dos votos, que foi prestigiada pelo presidente da OAB-DF, Maurício Corrêa, deu-se mediante uma fórmula aprovada anteriormente no Congresso Universitário, pela qual o fator mobilização teve o maior peso, ou seja, o segmento que conseguiu o maior número de eleitores, comparado ao número de votantes do Colégio teve mais influência. Dessa forma o peso do voto de um professor foi maior que o peso do voto de um aluno.

Quarenta e cinco urnas foram utilizadas na eleição, sendo 27 para os alunos e 18 para os professores. Votaram 614 professores, de um total de 766; com relação ao corpo discente, de 8.530 (8.101 da graduação e 429 da pós-graduação), 5.452 manifestaram seu desejo de eleger o reitor.

DÊRCIO

Dos oito nomes que concorreram nesse turno final, o do economista Dêrcio Munhoz foi o que obteve o maior número de votos nas duas categorias. Ele recebeu 442 votos dos professores e 4.154 votos dos alunos. Os outros cinco candidatos tiveram uma votação mais ou menos uniforme: a diferença do segundo colocado para o sexto foi de apenas 653 votos.

Com os resultados dessa eleição concretizou-se a vitória de um movimento que começou dentro do corpo docente, há pouco mais de três meses, e que cresceu e ganhou grande força, inclusive com a união dos alunos já no período final, a adesão para o prof. Ibañez, presidente da ADUnB, "a vitória desse processo serviu para mostrar como se pode participar e escolher, com respaldo acadêmico, nomes com uma nova visão de universidade".

CONGRESSO E DEBATES

No período anterior à segunda fase da eleição, professores e alunos realizaram um Congresso Universitário que, além de discutir o encaminhamento do Processo Eleitoral, foi uma forma de inserir os alunos no momento, unificando os dois segmentos. Entre os resultados desse Congresso está a elaboração de um programa mínimo para reitor, onde se destacam os seguintes pontos: eleições diretas para todos os cargos (reitor, diretor de faculdade ou instituto, chefe de departamento, e respectivos vices), participação democrática de professores, estudantes e funcionários nos órgãos deliberativos da universidade, reconhecimento das entidades livres e representativas dos segmentos da comunidade universitária (ADUnB, DCE, Centro Acadêmicos), elaboração de novos Estatutos e Regimentos para a UnB, descentralização das decisões e fortalecimento administrativo e financeiro dos departamentos.

Após esse Congresso, aconteceram dois grandes debates entre os reitoráveis que tiveram como objetivo dar maior oportunidade à comunidade acadêmica de questionar o perfil dos candidatos. O resultado desses debates foi surpreendente e atingiu um alto nível de discussão dos problemas universitários. Sua validade foi indiscutível, inclusive na opinião de alguns candidatos, que puderam ser ouvidos. "Em momento nenhum houve um sentido competitivo, mas sim cooperativo. Os problemas levantados proporcionaram a oportunidade de trocar idéias da maneira mais franca

possível", foi como definiu o Prof. José Carlos Coutinho. Para o Prof. Cristóvan Buarque "os debates acrescentaram um entendimento melhor de quais são os problemas e quais são as respostas". O alto nível de discussão e a demonstração em relação ao conceito de universidade e à sua administração foram os pontos enfocados por Marcio Villas Boas: "Os debates demonstraram que todos estamos imbuídos de um mesmo ideal, que é a democratização dos processos de decisão da universidade e a descentralização administrativa". Outro candidato, o Prof. João Claudio Todorov resume dizendo que "eles serviram pra estabelecer um compromisso público com o programa mínimo tirado no Congresso Universitário".

E A HORA?

O movimento foi vitorioso e a lista sêxtupla está formada. Agora, a responsabilidade passa para as mãos do Colégio Eleitoral, que terá do dia 19 de junho a 19 de agosto para examinar esta lista. A hipótese de ter que se recorrer a uma greve para fazer valer esta lista tem sido levantada. Mas, tanto os professores quanto os alunos não acreditam muito que isto seja necessário. E o que afirma o Prof. Ibañez: "Eu tenho confiança que o Colégio Eleitoral vai endossar essa lista; não vejo a necessidade de greve, por enquanto". Para o representante do DCE, Agmar Mendes "a greve é uma arma que se pode ter, na medida em que se gerar um impasse, ou seja, o Colégio Eleitoral não aceitar a eleição feita pela comunidade. Mas existem boas possibilidades do Colégio ser favorável a exemplo de outras universidades que já conseguiram essa vitória".

Até 19 de junho, quando o Colégio começa a examinar a lista, professores e alunos terão decidido formas concretas de diálogo com o Colégio. Para isto estão sendo feitas assembleias, onde se decidem as formas de encaminhamento da lista. Segundo Agmar Mendes, "quanto maior for a mobilização da comunidade até o posicionamento do Colégio, a posição de alguns eleitores, pode inclusive vir a se alterar". (Dinalva Ferreira)

COMPOSIÇÃO ATUAL DO COLÉGIO ELEITORAL DA UnB

Reitor: José Carlos Azevedo
Vice-Reitor: Luiz Otávio Souza Carmo
Decanos:
 Amadeu Cury
 Gentil M. Dias
 Cláudio L. Costa
 Carlos H. Cardim
 Lister Figueiredo
Diretores:
 Danilo Sili Borges (Engenharia Civil-FT)
 Márcio Villas-Boas (Arquitetura)
 Odílio L. da Silva (Medicina Especializada - FS)
 Henrique Tafuri Malvar (Estatística - IE)
 José F. Paes Landim (Direito - FA)
 Roberto Cardoso de Oliveira (Antropologia - IH)
 Moyses Jacob Mandel (Arte - IC)
 Thereza P. Lemos Mettel (Psicologia - IB)
 Iria G. Closs (Teoria e Fundamentos - FE)
 Cybelle Villares Coelho (Biblioteca Central)
Representantes de Congregação de Carreiras:
 Ricardo L. Farret (Urbanismo)
 Roberto Meirelles (Agronomia)
 Antonio Salles (Letras)
 Peter Bakuzis (Química)
 Lythou Guimarães (Relações Internacionais)
 Aluizio Prata (Medicina Especializada)
 Roque B. Laraia (Antropologia)
 Jefferson B. Aragão (Biologia Celular)
 Benno Sander (Planejamento e Administração)
Conselho Diretor:
 Abilio Machado Filho
 Isaac Kertesnetsky (suplente)
 José Carlos Figueiredo
 José Mindlin (suplente)
 Aristides Pacheco Leão
 José V. Vasconcelos
 Total: 30 votos

NOVO TEMPO: O DA DEMOCRACIA COM PARTICIPAÇÃO

A educação deve estar comprometida com a nossa realidade

O processo eleitoral da UnB foi um passo concreto dentro de uma ampla proposta de democratização, hoje debatida em todas as universidades brasileiras. Os debates entre alunos, professores e reitoráveis nos dois dias antecedentes à votação final mostrou uma preocupação comum: cada segmento da comunidade universitária quer ver seus interesses representados junto aos órgãos decisórios da UnB. Neste sentido, os discursos dos reitoráveis apresentaram muitos pontos em comum. Eles se estendem desde a reforma do estatuto e regimento internos à construção de uma nova política educacional.

A UnB precisa mudar. Os tempos são certamente de mudanças e, sobre isso, cada um dos seis nomes eleitos têm seus pontos de vista, que o **Campus** resume abaixo, para conhecimento de toda a comunidade universitária.

DÉRCIO MUNHOZ

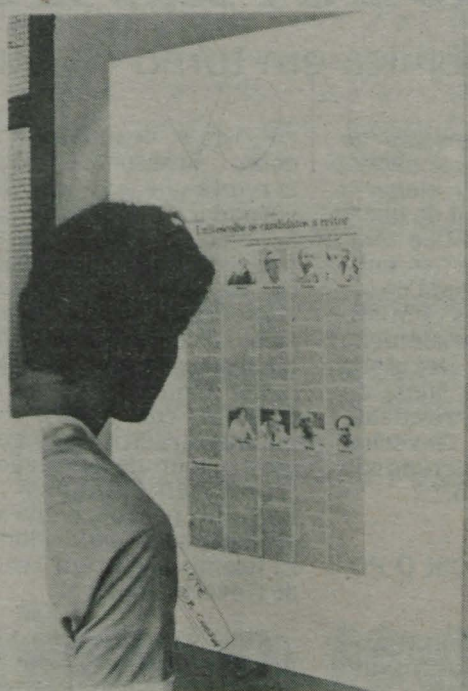
O economista Dércio Garcia Munhoz é professor da UnB desde 1968. Sua participação no quadro político e econômico brasileiro tem sido a de analista dos problemas da economia do País: endividamento externo, recessão e desemprego, perda de salários e estudo das perspectivas da crise. E nesse sentido que ele explica a sua expressiva vitória nas urnas: "Foi um acidente histórico, a crise econômica abriu espaço para que eu participasse da discussão dos problemas. Sou um filho da crise e acabei ficando conhecido. A votação evidentemente me gratifica pelos trabalhos desenvolvidos dentro da Universidade e por não me faltar a posição na área econômica".

Na sua opinião, "a UnB deve ser vista como um componente de um universo maior que é a própria sociedade brasileira pretendendo redefinições quanto à forma de funcionamento da economia, quanto às relações sociais que determinam o espaço a ser ocupado pelas diferentes classes e, quanto ao conteúdo político inserido nesse processo de relações econômico-sociais. Esta redefinição vai determinar o nível de participação e criar, paralelamente, a corresponsabilidade dos participantes na formação daquilo que se supõe necessário para a formação de uma nação".

O professor Munhoz não consegue fazer previsões sobre o futuro do processo eleitoral desencadeado. Ele acha apenas que o Colégio Eleitoral e o reitor Azevedo devem assumir uma política flexível, "para que diante de um processo colocado, até agora em alto nível pela comunidade universitária, não venha a ter como resposta atitudes radicais de menosprezo e que, nestas circunstâncias, possam apresentar-se como agressivas à comunidade. É importante que essa mobilização não se faça contra pessoas, mas sim, na busca de formas diferentes de relacionamento interno, num processo natural de aperfeiçoamento das relações dentro da sociedade. Assim, o encaminhamento cuidadoso do processo, até o final, só apresentará vencedores".

FREDERICO SIMÕES BARBOSA

Ex-diretor da Faculdade Ciências de Saúde da UnB, atualmente na Escola Nacional de Saúde Pública, no Rio de Janeiro, o professor Frederico foi o segundo mais votado e vem declarando o seu desejo de contribuir no processo de democratização da UnB: "A educação não pode deixar de estar socialmente comprometida. Ela não pode ser neutra desde que é experiência vivida por homens em sua concretude histórica. Por consequência, a educação vai além de sua dimensão puramente pedagógica para inserir-se no contexto sócio-político das nações. O papel da educação é o de atuar como uma das forças de transformação dentro da sociedade. Em uma sociedade, como a nossa, economicamente dependente, marcada pela marginalidade e corroída pela pobreza absoluta de grandes contingentes populacionais, mais relevante ainda é o papel da educação como força social. O enfoque idealista



Antes do voto, uma espiada nos candidatos

da educação que floresceu no país, durante o sopro liberalizante da década de 60, não mais tem lugar em parte alguma do mundo. A educação **per se** não muda a face do mundo, como tão pouco pode ser aceita que ela seja"... mera reproduzidora das relações de produção, assegurando a manutenção de privilégios e de estruturas de dominação".

Simões Barbosa ainda sorbe o papel do professor no contexto acadêmico, no debate do dia 22 de maio: "Nada deve ser oferecido e, muito menos, imposto ao educando. Ele deve comportar-se como um aprendiz cuja oficina é a sociedade a qual ele deve conhecer criticamente com o sentido de contribuir para a sua transformação (...). Meus mais fortes compromissos são com uma universidade livre, autêntica, democrática, autônoma, participativa. O ensino público e gratuito em todos os níveis. A participação da Universidade nos movimentos sociais e políticos da sociedade brasileira e a verdadeira integração da universidade com a comunidade".

CRISTÓVAN BUARQUE

O professor Cristóvan Buarque, da Economia, vê três razões muito fortes para a sua participação no atual processo eleitoral. "A primeira é uma razão política. No quadro de crise da sociedade brasileira, a gente tem que procurar dar a nossa contribuição onde for possível. E obviamente a UnB é um setor importante da sociedade brasileira, onde se pode definir um pensamento novo. Existe o lado acadêmico, a UnB está vivendo uma crise, uma certa letargia e insatisfação muito grande. Para sair disso, o processo desencadeado é muito importante. Há também uma razão estética: o processo democrático tem uma beleza em si. O simples fato de participar do processo é muito bonito, seja como candidato, seja como eleitor".

"A UnB precisa mudar", esta é o seu ponto de vista. "Primeiro é preciso que a comunidade não tenha medo de seus dirigentes e do ridículo de propor novas idéias. A UnB deve voltar-se para o problemas reais da sociedade brasileira. Por exemplo, menos encontros internacionais e mais debates internos (nacionais). Isto porque há uma crise geral de pensamento, não há modelos ou estratégias alternativas claras. A Universidade deve ser um caldeirão de idéias. Outro exemplo: a UnB precisa desenvolver mais trabalhos multidisciplinares, mobilizando vários departamentos. Os estatutos precisam ser reformados. Enquanto isso não for realizado, a gente pode utilizar como mecanismo órgãos representativos como a ADUnB, o DCE e os CAs".

Qual a situação do movimento estudantil na UnB? Na opinião do professor Cristóvan, o movimento "sofreu um retrocesso muito grande na sua militância e na sua temática. Os estudantes, como grande maioria da população, passaram 15 anos lutando contra a ditadura, cuja economia ia bem para a classe média a qual pertencem. De repente, isso se reverte, acabam-se os atos repressores da ditadura e a economia entra em crise. O mo-

Decisões radicais podem nos levar ao conflito

vimento estudantil tinha que mudar, desde então, ele não encontrou seu verdadeiro caminho. Só em momentos esporádicos, como o movimento pelas Diretas Já. Mas ele não sabe ainda o que propor com alternativa para a sociedade como um todo. Todos os segmentos representativos vivem situação parecida".

Quanto ao processo eleitoral, o professor acredita que o bom senso dos conselheiros vai fazê-lo aceitar a vontade da comunidade universitária. Está havendo uma aceitação por parte do Colégio Eleitoral de que precisa ouvir a comunidade e que esta é a única forma de evitar as explosões. Acho que não vai haver greve, o Colégio vai ter o bom senso de saber que os tempos mudaram. E nós, os professores, vamos ter o bom senso de saber que o melhor caminho é o do diálogo. As eleições diretas passaram a ser um requisito em todos os níveis. As tribos indígenas estão votando diretamente os delegados da Funai, por que nós não podemos votar na escolha do nosso Cacique? Mesmo que a indicação passe pelo Conselho dos Anciãos!"

JOSE CARLOS COUTINHO

Para o professor Coutinho, do Dptº de Urbanismo a UnB precisa restaurar o espírito universitário, e também, o relacionamento entre os diversos segmentos da comunidade. A Universidade precisa voltar a se respeitar, para que estudantes, professores e funcionários voltem a andar de cabeça erguida. Ele acha que não cabe a ninguém que esteja comprometido com o movimento se recusar a ser candidato e, por isso aceitou sê-lo: "Se a mim coube este papel, eu honrosamente aceitei, mas com a mesma humildade que aceitaria qualquer outro".

"E preciso ter consciência de que o movimento ainda não acabou" diz o professor Coutinho sobre os próximos passos do processo eleitoral, e afirma mais: "Sem dúvida nenhuma o processo é legítimo. A máxima vontade de toda uma comunidade foi conduzida de forma aberta, democrática. Foi um dos episódios mais belos dessa Universidade, que eu pude testemunhar. Espero que a próxima etapa conte com a sensibilidade dos membros do Colégio Eleitoral. Esse processo facilitou o trabalho do Conselho e deve ser visto como colaboração, pois colocou em suas mãos uma lista que representa a vontade de toda a comunidade, uma lista significativa. O Colégio Eleitoral deveria até agradecer. Se ele se mostrar digno deve acolher essa lista e torná-la. A greve é sempre um instrumento de luta que é preciso evitar".

Coutinho não tem uma plataforma pessoal como reitor. Do seu ponto de vista, as posições devem ser construídas coletivamente pelo movimento e que esta plataforma está resumida no programa mínimo votado pelo Congresso Universitário de alunos e professores. "O próximo reitor terá que respeitar os compromissos assumidos no movimento. Assegurar a desobstrução dos canais de consulta e participação dentro da comunidade. O tripé "formação - participação - decisão" é chave. Se a comunidade se comprometeu com esta instância, se assegurará a paz aqui dentro".

JOÃO CLAUDIO TODOROV

O professor Todorov da Psicologia, definiu em poucas palavras as mudanças mais urgentes de que necessita a UnB: "Três providências devem ser tomadas. Primeiro, reformar os estatutos e regimentos vigentes, descentralizando e dando mais autonomia aos Departamentos. Democratizar o processo decisório através da indicação de dirigentes e membros dos órgãos colegiados, respeitando a vontade dos três segmentos da comunidade. E por último, deve haver transferência nos atos da administração, e informações dos órgãos para a comunidade. Para ele é inegável a legitimidade do processo: "Na medida em que nas duas etapas, 80% dos professores participaram, e o número de alunos votantes não se via há muito tempo".

MÁRCIO VILLAS-BOAS

O professor Márcio Villas-Boas faz parte

do Colégio Eleitoral, como Diretor do Instituto de Arquitetura e Urbanismo, foi o sexto mais votado. Para ele, o processo sucessório não é ilegal: "Ilegal é aquilo que é contra a lei. Este processo não é contra as leis e os estatutos da UnB, uma vez que a lista sêxtupla será submetida à consideração do Colégio Eleitoral e, após sua aprovação, encaminhada ao Presidente da República conforme a lei. O envio da lista sêxtupla, para ser submetida à consideração do Colégio Eleitoral, é o próximo passo. Acredito que, pelo número de alunos e professores que se manifestaram a respeito da escolha de seus dirigentes, os membros do Colégio Eleitoral serão sensíveis a esse processo e irão referendar a lista encaminhada".

Márcio Villas-Boas não acredita que haverá necessidade de greve: "Esses membros do Colégio Eleitoral irão certamente reconhecer o processo desencadeado pelos professores e pelos alunos, uma vez que o Colégio é composto basicamente de professores da Universidade que estão nesse momento exercendo cargos de direção ou que não representantes das Congregações de Carreira".

Ele já tem uma proposta mais detalhada de mudanças que a UnB deverá sofrer com a nova administração. Para que a UnB se adapte ao contexto social da atualidade, existem dois objetivos bem claros: sua democratização e descentralização administrativa. No plano jurídico, deverá aperfeiçoar seus instrumentos legais de organização. O preenchimento dos cargos junto aos colegiados deve ser definido da forma mais representativa e como mandatos limitados. No plano acadêmico, o professor Márcio propõe um reestudo desde as formas de ingresso na UnB, até o estímulo à pesquisa e à criação de um fórum de debates sobre a produção científica universitária.

"Deve-se aperfeiçoar os mecanismos de participação buscando: a administração racional dos recursos humanos e materiais da universidade e a execução de uma política educacional definida pela comunidade acadêmica. Com base em três fatores - ensino, pesquisa e educação - a UnB conseguirá preparar o aluno para o exercício consciente da cidadania e para sua autorealização, ainda para o aperfeiçoamento do corpo docente e o desenvolvimento das artes voltadas para o interesse social. Os instrumentos para essa política educacional seriam: divulgação da produção docente e dos livros e artigos de interesse da comunidade universitária (reformulação dos objetivos da Editora). Explorar o potencial já demonstrado pelo Campus Avançado e pelas atividades junto à comunidade da região. Além disso, estimular toda a produção científica da UnB". (Lavina Ribeiro)

Mudar para voltar a andar de cabeça erguida



A maioria dos alunos compareceu às urnas

O VOTO EM BRASÍLIA

As diferentes emendas causam polêmica em torno da questão

Brasília também entrou na pauta do processo de negociação que se estabeleceu no Congresso após a rejeição da emenda Dante de Oliveira. O projeto de reforma à Constituição apresentado pelo Governo — emenda Figueiredo — recebeu 205 propostas de alteração e dentre estas há pelo menos sete que interessam especificamente à população da cidade, uma vez que tratam da representação política do Distrito Federal.

A expectativa de voto no DF está mobilizando entidades de classe, associações e agremiações políticas, animadas após a revelação da simpatia da cidade pela campanha das DIRETAS-JÁ. Reflexo desta movimentação foi a recente criação da entidade denominada PROBRASILIA-Defesa e Desenvolvimento da Comunidade, que, de acordo

com seu presidente Luiz Manzolilo, "propõe-se a defender a comunidade nos aspectos de educação, saúde, transporte e segurança, mas também quanto a sua representação política". O PROBRASILIA pretende ainda ser um fórum de debates e encaminhamento de assuntos importantes para o DF, além de motivar e movimentar a opinião pública ao debate e à participação.

O PROBRASILIA é uma entidade ainda embrionária mas a iniciativa de sua criação revela que a cidade está finalmente saindo de um longo período de abstenção política para ingressar numa fase de intervenção na escolha de seus governantes. Por ocasião do seu primeiro ato público, realizado no dia 23 de maio na Associação Comercial do Distrito Federal-ACDF, Manzolilo manifestou

se a favor da representação política em todos os níveis: "Se pudesse, a gente elegeria até o xerife e o fiscal do quarteirão, mas em política tem-se que ir por etapas". A entidade defende a emenda do senador Mauro Borges (PMDB-GO) que prevê representação a nível de Senador, Deputado Federal e Estadual, além da nomeação, pelo Presidente da República, do Governador, que seria referendado através de plebiscito.

COMPROMISSO COM O POVO

A sugestão do Sen. Mauro Borges não parece ser muito apreciada pelo Governo, que prefere apostar na possibilidade de aprovação da emenda do Senador Marcondes Gadelha (PDS-PB) que só prevê a representação federal do

DF, isto é, deputados e senadores. Marcondes Gadelha acredita que a eleição do Governador do Distrito Federal acarretaria transtornos se ele fosse de partido oposicionista. Há quem discorde desta colocação. Aldo Arantes, Dep. Federal pelo PMDB-goiano, acha que "um governador nomeado não tem compromisso com o povo". O deputado acredita ainda que um governador de oposição não traria dificuldades para Brasília, porque sendo eleito ele teria mais autoridade para fiscalizar e exigir recursos do Governo Federal.

Aldo Arantes apresentará uma emenda prevendo que a autonomia política do DF se faça com eleição de governador, senador, deputado federal e estadual. Sua emenda dá à Assembléia Legislativa a indicação de estudar o pro-

cesso de divisão territorial do DF em municípios, o que acarretará a instalação, em alguns deles, de Câmaras Municipais. Arantes crê que a representação só a nível federal não irá atender às necessidades de Brasília, já que não haveria um foro de deliberação específica da comunidade, ficando, portanto, prejudicadas discussões de questões como habitação, saúde, transporte e abastecimento.

O significativo número de emendas à emenda Figueiredo garante que haverá muita discussão sobre o assunto. Uma coisa é certa: a questão da luta pela representação política do DF está intimamente ligada à luta pela democratização do país. Os próximos meses reservam certamente mais alguns "rounds" nesta batalha política (Carlos Alberto Carvalho e Marina Maria Martins).

GINÁSTICA FEMININA NA ENTREQUADRA 114/115 SUL:

Uma oportunidade de convivência

Foto de Nicolau El Moor

Todas as manhãs, aproximadamente 200 mulheres de todas as idades reúnem-se na quadra de esportes da 114/115 Sul, para uma hora de ginástica ao ar livre, sob orientação do professor Cleber. Guimarães.

As alunas, em sua maioria donas-de-casa, começam a chegar cerca de 8 horas da manhã, conduzindo seus filhos em carinhos e espalhando-se pelo gramado, com brinquedos e lanches para as crianças. A medida que chegam, vários grupos de conversa vão se formando até o início da aula.

Há sete anos, o professor Cleber, Tenente-Coronel do Exército e assessor do Ministro do Superior Tribunal Militar, dá a ginástica, por ele classificada de "ocidental, com respiração calcada na experiência oriental". A ginástica, inteiramente gratuita, substituiu um trabalho de Educação Física realizado pelo DEFER, que não teve continuidade. Sem incentivo de nenhuma instituição, o professor faz questão de afirmar o caráter "voluntário e anônimo" da atividade e diz sentir-se recompensado "pelo simples prazer de ensinar aquilo que gratifica a ele e a outras pessoas".

OPINIÃO DAS ALUNAS
Várias alunas consideram



De diferentes idades, cada aluna tem seu ritmo

a integração e união aspectos importantes na ginástica. Marlinda Cordeiro, dona-de-casa, faz a ginástica há três anos e acha que "o principal é que todo o pessoal fazendo os exercícios, com muita vontade e garra, desprende uma energia muito grande, além do humor do professor, sempre pra cima, um astral muito alto".

Uma aluna de 60 anos vê na ginástica a possibilidade de refazer a mente, para ela, a ginástica é ótima por causa da união do grupo e da disposição e alegria do professor.

Já Vera Lúcia, taquígrafa, com dois anos e meio de ginástica, acredita que "o mais importante é a ginástica em si, a série de exercícios que o professor dá".

Através de comentários bem-humorados, o professor procura "fazer a cabeça" das alunas quanto tiver independência econômica. Estimuladas pelas considerações dele, ao término da aula, algumas alunas procuram-no para conversar sobre seus problemas. (Silvana Freitas e Rosane Reis)

Taguatinga: 26 anos fazendo história no Planalto

Fundada em 05 de junho de 1958 Taguatinga completa 26 anos de história. A cidade hoje ocupa lugar de destaque na região Centro-Oeste e é o maior núcleo habitacional do Distrito Federal. Localizada a 25 Km do Plano Piloto, foi a primeira cidade-satélite oficialmente criada para por fim às invasões que, na época, proliferaram na construção de Brasília.

Com uma população de 430 mil habitantes, Taguatinga situa-se às margens do córrego do mesmo nome, que em tupi-guarani significa "barro branco", "aldeia branca" ou "ave branca" seu fundador e também primeiro sub-prefeito foi o engenheiro José Maciel de Paiva.

O predomínio de casas na cidade faz com que sua população tenha mais vida comunitária. Taguatinga conta hoje com uma boa infraestrutura de serviços urbanos. É uma cidade totalmente independente do Plano Piloto, porém a solicitação mais im-

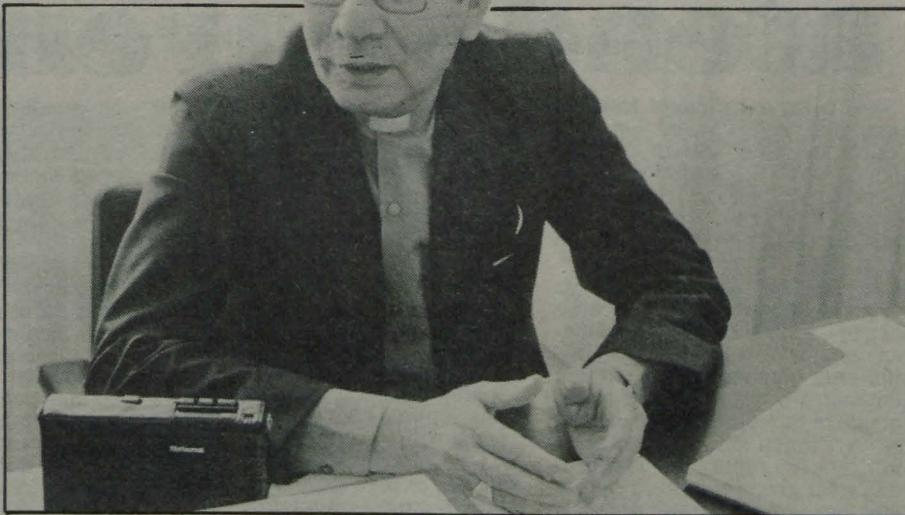
portante da comunidade ainda não foi conseguida: a representação política para a cidade. O administrador regional Valmir Campelo ouvido pelo "Campus" disse que "por uma questão de ética não falaria sobre o problema da representação política para Taguatinga".

Nos muros da cidade as pichações pedindo "diretas já", "Taguatinga quer votar", são um espelho do desejo para que a cidade possa eleger seus representantes.

Na comemoração do seu aniversário Taguatinga vai realizar, no período de 2 a 10 de junho, uma série de eventos esportivos e culturais, destacando-se o Festival de Queijos e Vinhos no Clube Primavera, no dia 2 de junho, às 20:00 hs.; abertura da XII Feira de Amostras do Comércio e Indústria de Taguatinga — FACITA —, no pátio da ACIT; no dia 5 o baile da cidade, às 21 hs., no clube Primavera dia 9. (Diogo Neto)

Nordestino, nascido há 59 anos no Ceará, Dom José Freire Falcão é, desde o dia 5 de maio, o novo Arcebispo de Brasília, em substituição a Dom José Newton, que ocupava a função desde a fundação da cidade. Antes de Brasília, Dom Falcão foi, durante 12 anos, Arcebispo de Teresina. Em entrevista ao **Campus**, ele deu as suas impressões sobre a cidade, brincou com o rótulo de conservador que lhe é atribuído, comentou a atuação da imprensa por ocasião de sua chegada e, cautelosamente, falou de política. Dom Falcão evitou emitir opiniões que pudessem comprometê-lo, passando ao largo em questões como a sucessão presidencial e a representação política para o DF. "Como toda palavra do bispo é inseparável da palavra do cidadão, eu não quero expressar o meu ponto de vista em relação a esses problemas". Os entrevistadores de Dom Falcão foram Afonso Cozolino e Rosana Reis.

Nicolau El Moor



Falcão, o novo Arcebispo

Campus: O senhor chega a Brasília após 12 anos como Arcebispo de Teresina. Como foi a sua chegada e o que o senhor espera da cidade?

Dom Falcão: Toda a chegada não deixa de ser uma expectativa, porque eu não conhecia, de fato, a realidade da cidade. Antes estive aqui apenas para reunião. Por isso, para começar, estou procurando conhecer a realidade humana de minha Arquidiocese, encontrando-me com sacerdotes, religiosos e representantes dos movimentos leigos, para definir a minha ação pastoral. Em princípio, pretendo dar continuidade ao trabalho de Dom José Newton, mas cada um continua à sua maneira, de acordo com sua própria visão, temperamento e formação. Ninguém copia o outro.

Campus: Como o senhor vê o trabalho de seu antecessor, Dom José Newton?

Dom Falcão: Ele tem um mérito que nenhum outro poderá ter: a implantação da Igreja Católica em Brasília. Por isso, é merecedor de uma gratidão muito grande de toda a população de Brasília. Eu encontrei uma arquidiocese organizada.

Campus: Em Teresina, o senhor se relacionava com o poder estadual e em Brasília o senhor também se relacionava com o poder federal. Há muita diferença nisso?

Dom Falcão: Na verdade, a situação é diferente. Aqui, devo relacionar-me com o governo do Estado, mais direta e frequentemente, e também, indiretamente, com o governo do país. É difícil dizer se esse relacionamento vi ser da mesma ordem do que eu vivi em Teresina, mas estou visitando as autoridades que foram à minha posse e as que não puderam ir, para um primeiro contato. Agora, de fato, o relacionamento oficial da Igreja com o poder federal cabe à CNBB e à Nunciatura Apostólica. O meu entendimento mais direto é com o governo do Distrito Federal.

Campus: E como tem sido esse relacionamento?

Dom Falcão: Até agora, muito cordial.

Campus: O senhor tem evitado tocar em assuntos políticos desde que chegou a Brasília. Por quê?

Dom Falcão: Eu não tenho posições político-partidárias, mas ao anunciar as exigências do Evangelho, esse anúncio não deixa de ter uma repercussão política, tomada no sentido do bem comum, porque a política no sentido estrito não cabe propriamente à Igreja.

"Para a imprensa, ser conservador é não tomar posições políticas mais avançadas"

Campus: Como o senhor se classifica dentro da Igreja: conservador, progressista, ou moderado?

Dom Falcão: Eu me classifico como pastor da Igreja de Deus. Essa classificação que se faz hoje tem uma conotação mais política e sociológica, pelo menos para a imprensa. É uma maneira prática de se classificar as pessoas, mas eu acho que não é indicada para se classificar a ação pastoral de um bispo. Para a imprensa, ser conservador é não tomar certas posições políticas públicas, talvez mais avançadas. Como a missão do bispo não é primeiramente de ordem política, no sentido estrito, me parece que essa classificação é um pouco inadequada, por isso não me classifico. Os outros é que o fazem.

Campus: Classificam o senhor como conservador...

Dom Falcão: E... Não sei se

seria tanto, não é?!

Campus: E como o senhor recebe essa classificação?

Dom Falcão: Recebo de bom-humor, sem constrangimento (risos). O que importa é que a gente procure cumprir com amor a missão que a gente assumiu.

Campus: Em seu discurso de posse, o senhor pediu apoio ao povo e ao governo para cumprir bem a sua missão, mas não fez colocações políticas em relação ao momento brasileiro atual.

Dom Falcão: Eu não me referia a problemas específicos, porque sobre eles a CNBB vem se pronunciando, através de documentos oficiais. Além disso, as minhas posições em assuntos políticos deve ser de prudência, se referindo mais aos aspectos éticos da ação política e não propriamente aos técnicos, ou partidários.

Campus: Enquanto brasileiro, como o senhor vê o momento que o país atravessa: indefinição política, o povo nas ruas...

Dom Falcão: Eu vejo isso como uma situação normal, um regime democrático, onde o povo pode se pronunciar, desde que respeite a ordem pública. É normal, embora todos nós sintamos que a situação por que passa o nosso país não deixa de ser difícil, crítica. Mas, no Brasil, sempre foram encontradas saídas pacíficas para a solução de todos os problemas. Por isso, vejo nosso futuro com tranquilidade e esperança, e não com temor.

Campus: Até que ponto a Igreja pode ajudar na solução dos problemas do país?

Dom Falcão: Na verdade, a Igreja não tem uma resposta completa para a solução de um problema de ordem econômica. Ela oferece somente princípios, orientações, cabendo não só aos católicos, mas também aos homens de boa vontade, de acordo com suas competências, procurar soluções inspiradas nos grandes princípios, que o pensa-

vo e procura despertar a consciência dos responsáveis pela vida pública para a angústia pelo qual passa nossa população.

Campus: Dentro dessa ideia, a Igreja apoiaria as eleições diretas?

Dom Falcão: A participação do povo na vida política do país através de eleições é uma exigência do regime democrático. No entanto, se as eleições para Presidente da República devem ser diretas agora ou mais tarde, é um problema de opção política. Sobre esse aspecto, a Igreja -

"Não compete à Igreja opinar sobre quando e em que modalidade se darão as eleições"

mento social da Igreja oferece. A Igreja apenas constata as dificuldades para nosso poder público — não se pronuncia: ela é favorável, evidentemente, às eleições diretas. Agora, se hoje ou amanhã, cabe ao povo e aos seus representantes expressarem os seus pontos de vista.

Campus: Como uma representação política para o Distrito Federal pode influenciar a ação pastoral de sua Arquidiocese?

Dom Falcão: Não creio que mude em nada a ação pastoral, embora todos nós desejemos participar politicamente, mas quando e em que modalidade não compete à Igreja opinar. De qualquer forma, eu já me manifestei favorável à representação política para o Distrito Federal.

Campus: O que o senhor acha de Brasília como comunidade religiosa?

Dom Falcão: Quando celebri missa, em Taguatinga, senti uma participação muito grande do povo na vida da Igreja. No Plano Piloto, um pouco menos, orqui porque também tive pouco contato com as paróquias. Mas, o que eu senti desde o começo foi a participação de movimentos leigos, que têm uma atuação muito marcante, não só na comunidade cristã, mas também na vida da cidade.

Campus: Há quem diga que Brasília é uma cidade mística. O senhor acredita nisso?

Dom Falcão: É difícil responder... A impressão minha é que as cidades-satélites não são muito diferentes das nossas cidades do Nordeste, mesmo porque aqui há muitos nordestinos. Já o Plano Piloto é uma cidade muito diferente de todas as outras. A própria estrutura da cidade dificulta a aproximação das pessoas e isso é um desafio para a ação pastoral.

Campus: O senhor tem o que reclamar da imprensa de Brasília?

Dom Falcão: Ainda não. Só agora estou lendo os jornais do tempo da minha posse. Mas, mesmo que eles desfigurem o que digo, é preferível estar ligado à imprensa do que separado dela, porque os meios de comunicação hoje são um fator decisivo na formação da opinião pública.

Campus: No período em que o senhor está à frente da Arquidiocese de Brasília, já houve caso de desfigurarem a sua palavra?

Dom Falcão: Não. Às vezes, não dizem exatamente o que eu disse, mas é claro que a imprensa também tem o direito de interpretar, e não apenas registrar as palavras que são ditas. Interpretar o que fica nas entrelinhas é também papel do jornalista. Eu sempre escrevi, e ainda escrevo, para jornais. Sempre que a gente comenta um fato, diz um pouco do que a gente é e como vê os acontecimentos. A gente se trai sem querer, não é?!

Clínica da UnB atende carentes

— E coisa para louco! Esta foi uma das referências feitas à Clínica de Atendimento Psicológico da UnB. E lastimável que se tenha, ainda mais entre estudantes universitários, esta mentalidade ultrapassada de que terapia é tratamento para louco. Mas declarações tipo "Acho que todas as pessoas deviam fazer terapia porque é uma forma de se conhecer melhor", feita por um dos inúmeros pacientes da clínica, demonstram sua boa aceitação por parte da comunidade em geral. A Clínica da UnB goza de uma relativa reputação, comprovada pelo grande número de pedidos de consultas e atendimento já efetuados, perto de 3.000 só no ano passado; apesar das condições precárias de funcionamento e dos inconvenientes de ser uma Clínica-escola, conforme explica o professor Richard Bucher, seu coordenador geral.

Na verdade, pouco se sabe sobre o trabalho que há três anos, por força da obrigatoriedade por lei de um estágio em Psicologia na Universidade, professores e alunos vêm desenvolvendo em favor da comunidade brasiliense. Com serviços clínicos gratuitos, atende-se em média a 11 pessoas por dia e sem que haja qualquer publicidade. Só no início deste ano, 78 pessoas aguardam chamada para entrevista de triagem, 28 para terapias em grupos e 13 para terapias individuais enquanto novas inscrições continuam chegando.

FUNCIONAMENTO

Segundo o professor Richard, 45% das pessoas atendidas na Clínica pertence à comunidade da FUB. Mas prioridade é dada a população de baixa renda, geralmente encaminhada por Postos de Saúde e principalmente pela área de ginecologia (casos de desajustes sexuais).

Depois de preencher um formulário detalhado sobre sua vida, com o maior número possível de dados pessoais e comportamento relatando os motivos que o levaram a procurar a clínica, o candidato a atendimento deve aguardar

na lista de espera o julgamento do seu caso. Esta lista será então submetida a uma seleção feita por professores e estagiários onde se definem os casos mais urgentes, levando sempre em conta a renda familiar para dar prioridade a pessoas sem condições de financiar um tratamento particular.

Como a primeira entrevista é demorada, podendo levar de cinco a seis meses, muitos dos pacientes desistem do tratamento, contribuindo com a lista de desistência que abrange quase metade dos inscritos. Segundo prof. Richard, o atendimento gratuito contribui para aumentar esta lista já que algumas pessoas dividam da qualidade deste serviço.

O paciente, quando chamado, pode optar pelo atendimento individual ou em grupo. A Clínica de Atendimento Psicológico dá direito a consultas durante um semestre com renovação por mais seis meses. Cada cliente é acompanhado, através de prontuários preenchidos pelos estagiários no decorrer do tratamento e sob a supervisão de um professor. Cada professor supervisiona de seis a oito estagiários.

O serviço da Clínica não se restringe ao atendimento de adultos e adolescentes, mas se estende também ao atendimento infantil e familiar, além de oferecer um treinamento na área de Orientação Vocacional.

MOTIVOS

"Tem muita gente jogando problema em cima do vizinho, do pai, da mãe, e o problema está em si mesmo". Esta foi uma das declarações da paciente, Vanda, professora primária que tomou conhecimento da Clínica por uma colega de trabalho. Há um ano na terapia individual, Vanda a considera excelente: "A gente não vê rapidamente a diferença, mas com o passar do tempo vai se notando o comportamento bem diferente do que se tinha antes".

Os alunos da UnB, segundo o coordenador procuram a Clínica por motivos diversos: dificuldades na aprendizagem, concentração, relacionamento, m.g.a baixa

ou problemas sexuais. Mas também existem aqueles que nos procuram apenas por modismo e a estes não é dada oportunidade de tratamento já que o motivo é insuficiente para levar a uma terapia.

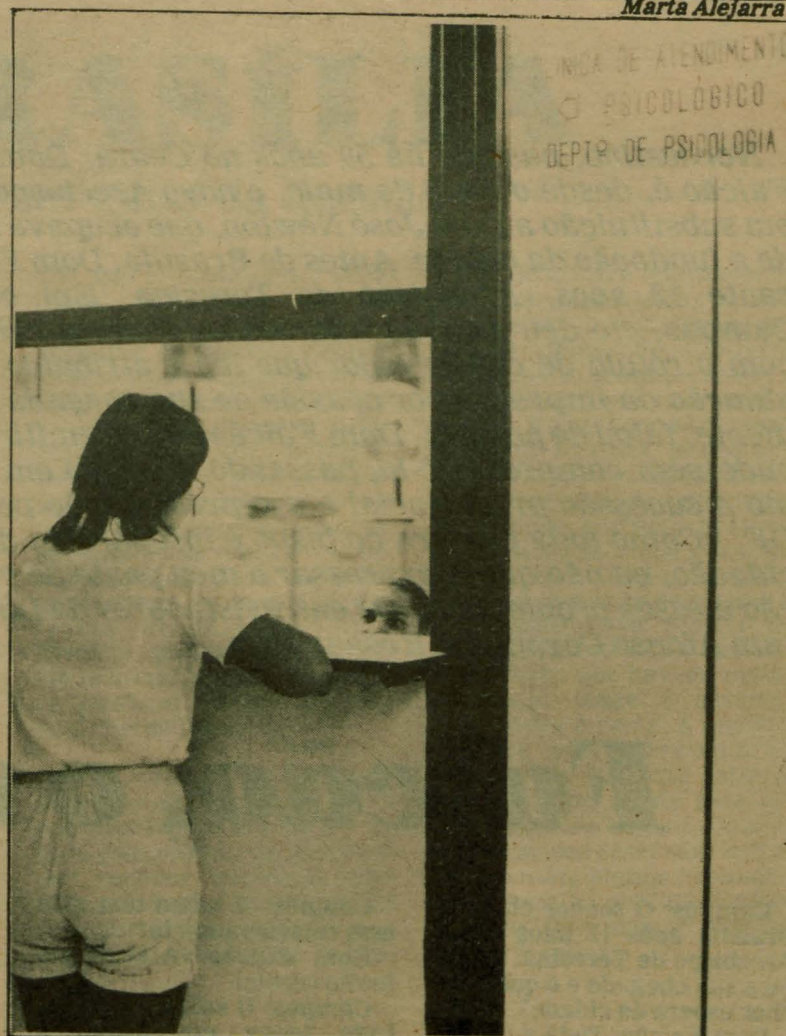
Para a aluna de psicologia M^a Aparecida Pensor, do estágio de nível II, as pessoas que procuram a Clínica se sentem interessadas em fazer psicoterapia por curiosidade, ou porque possuem problemas conjugais, de sexualismo ou de comunicação.

Outra estudante de psicologia que não quis se identificar possui apenas três meses de atendimento a nível de triagem e coleta de dados e acha que a cura terapêutica vai depender muito do objetivo a que cada pessoa se propõe "a cura faz parte da própria limitação da pessoa". Segundo a estagiária, atender pessoas, escutar e poder passar da teoria para a prática é um grande enriquecimento. Os problemas que mais aparecem são psicossomáticos.

DIFICULDADES

Atualmente, o atendimento na área clínica enfrenta um grande problema, o da insuficiência de professores e supervisores. Apenas dois professores supervisionam na área de atendimento a adultos, dois na área conjugal e familiar e mais dois na área infantil, o que dificulta o atendimento de um grande número de pedidos de estágio e limita cada dia mais o número de vagas para pacientes.

Associa-se a isto, o fato de as horas de supervisão dos professores não lhes serem credenciadas como horas/aula, o que cria um desânimo nos supervisores e dificulta uma expansão saudável das atividades da Clínica. Num sentido desabafo, o professor Richard declarou superiores. Para ele, a contratação de mais professores na área clínica e de psicólogos profissionais e a ampliação das instalações da Clínica são algumas das medidas que melhorariam seu atendimento qualitativo e quantitativo. (Maria Cristina Bezerra e Walcymara Santiago).



Muitos se inscrevem, mas nem todos são atendidos

Serviço Social em transformação

O Serviço Social está deixando de ser meramente assistencial. Segundo o professor Vicente de Paula Faleiros, doutor em Sociologia e catedrático de Serviço Social da UnB, existem, hoje, duas tendências ideológicas no Serviço Social: a primeira, conservadora e mantenedora do "status quo", a outra é a "teoria da mudança e da transformação", que rompe com o modelo norte-americano de Assistência Social e enfatiza a transformação da sociedade.

O debate teórico das novas tendências ideológicas e as novas práticas profissionais repercutiram no ensino do Serviço Social e, em 1979, a Associação Brasileira de Escolas de Serviço Social — ABESS, propôs um novo currículo, aprovado em 1982, pelo Conselho Federal de Educação. Na UnB, ele começa a ser implantado no próximo semestre e corresponde a uma visão estrutural e histórica da problemática social, com ênfase no estudo das políticas sociais.

A NOVA PRÁTICA

A nova visão que está, atualmente, em debate, enfatiza a transformação das relações sociais de exploração e de dominação. A atuação profissional se dá através da defesa dos direitos, do fortalecimento das organizações sociais, do apoio às suas reivindicações e do aprimoramento da consciência crítica.

Essa corrente surgiu com os movimentos de caráter nacionalista, de contestação do imperialismo, ocorridos na América Latina, nos anos 60 e que exigiam a mudança das estruturas políticas e econômicas.

Como explica o Professor Faleiros, a "teoria da transformação" é uma crítica ao modelo americano, que divide a sociedade em dois grupos: normais e anormais. Do

grupo dos anormais participam todos aqueles que não aceitam os padrões vigentes, como marginais, alcoólatras e drogados. Até mesmo os pobres são considerados "desviados", pois, para esta corrente, a causa da pobreza está no indivíduo e não na estrutura social. O indivíduo que não consegue adaptar-se à ordem estabelecida, com a ajuda do Assistente Social, é considerado "patológico".

Já a "teoria da transformação" busca esclarecer a população sobre a sua própria realidade, através da tomada de consciência crítica, cabendo ao profissional a explicação das alternativas possíveis, das consequências e dos recursos que melhor se adaptam àquela conjuntura.

CRISE

O professor Faleiros explica que a crise econômica provoca um aumento na demanda de assistência, mas, ao mesmo tempo, existe um corte de verba para as políticas sociais, levando o profissional a assumir dois papéis diante da população — ou de "policial", acomodando as reivindicações sociais, ou de ocultador da situação. Isso tem levantado inúmeras críticas por parte dos próprios profissionais, para os quais o papel do Assistente Social deve ser o de orientador da população.

Segundo o catedrático, os pobres não querem mais receber favores do Estado, e sim, serem tratados como cidadãos. Por isto, estão exigindo do profissional maior eficácia no atendimento e o compromisso de atuação na defesa de seus interesses. Já os "donos do capital" exigem o aumento da produtividade de seus trabalhadores, cabendo ao assistente Social a resolução de conflitos familiares, diminuição de tensões, etc. (Ana Sampalo)

Senador retira-se de debate

Depois de discursar em favor da presença das multinacionais de Informática no país, durante o II Seminário sobre Política Científica da UnB, o Senador Roberto Campos (PDS-MT) se negou a prosseguir nos debates e, numa atitude considerada por todos mal-educada e arrogante, se retirou do auditório da Faculdade de Tecnologia, deixando o público universitário perplexo. A "retirada" do Senador deveu-se à incapacidade de responder aos argumentos apresentados em contrapartida pelos professores da Economia Cristóvam Buarque e da Engenharia, também secretário da SEI (Secretaria Especial de Informática), coronel Edison Dytz.

No seu discurso de 20 minutos, Roberto Campos citou como exemplos a serem seguidos pelo Brasil os países de Taywan e Hong Kong por ele considerados excelentes modelos de desenvolvimento graças à ajuda de uma tecnologia importada.

Apesar da saída do Senador, o Seminário prosseguiu, com a participação de cerca de 250 estudan-

tes e dos senadores Severo Gomes (PMDB-SP) e Saturnino Braga (PDT-RJ), da deputada Cristina Tavares (PMDB-MT) e do professor Argemiro Procópio do Departamento de Sociologia, que também se manifestara em favor da Reserva de Mercado e contra as multinacionais no país.

O professor Procópio condenou a atitude do Senador do PDS e classificou de anti-nacionalista a sua posição. Para o sociólogo, o Brasil tem uma vocação muito maior do que a de se tornar uma simples entreposto comercial montador de tecnologia de fora como os países citados por Campos.

"Com o capital humano e os recursos naturais que o Brasil possui, acho que é um dever cívico acreditar na sua capacidade e potencialidade. A postura do Senador Roberto Campos não é de forma alguma condizente com o futuro de independência e soberania que todos nós desejamos para o país. Para ser desenvolvidos como Hong Kong, é melhor não sair do subdesenvolvimento, afirma prof. Procópio.

Do ponto de vista social, o prof. da Sociologia concorda plenamente com a posição defendida pelo secretário da SEI, Edson Ditz. Ditz afirmou que a Informática tem proporcionado ao Brasil não só empregos mas também o desenvolvimento de uma tecnologia nacional aproveitando a capacidade dos nossos recursos humanos: mais de 20 mil pessoas trabalham na indústria da informática. Mas as multinacionais estão cada vez mais ameaçando este mercado que é nosso.

O professor Procópio acredita que o mundo já está falando outra língua, a da Informática, e o Brasil tem que aprendê-la para poder lutar contra os países centrais. Na sua opinião, a luta pela reserva de mercado não é uma questão só entre o Brasil e as multinacionais. Tudo faz parte de uma política norte-sul de divisão do trabalho. Os países do Norte são dominadores e não permitem aos países do Sul a sua independência tecnológica, pois ela ameaça a reversão deste estado de coisas. (Walcymara Santiago)

A PEDRA QUE CANTA,

Um incentivo para a entrada da nossa tecnologia no mercado chinês

"A pedra que canta", tradução da palavra indígena "Itaipu", poderá significar uma das pedras fundamentais no intercâmbio de tecnologia entre Brasil e China. Itaipu, a maior usina hidrelétrica do mundo, está sendo amplamente citada por revistas e jornais chineses, confirmando o seu interesse pela nossa experiência e tecnologia na construção de barragens dessas proporções. Recentemente o Congresso Nacional da China se reuniu com a Ministra de Recursos Hídricos e Energia Elétrica que apresentou um importante relatório sobre Itaipu, após sua visita ao Brasil no ano passado. Dessa forma vão se abrindo as portas para acordos bilaterais de cooperação entre Brasil e China.

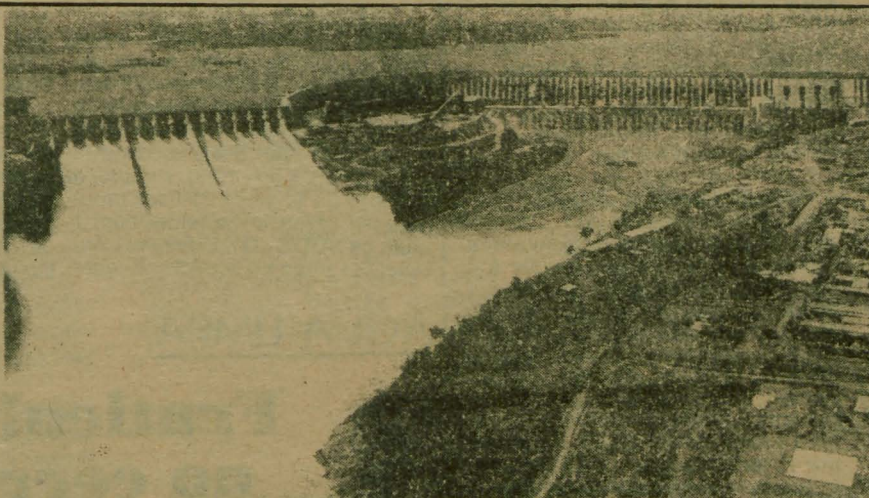
"Nós que sofremos o colonialismo e o imperialismo, como outros países do Terceiro Mundo, estamos num mesmo processo de desenvolvimento. A China como o Brasil exigem o desenvolvimento para que se eleve o nível de vida de nossos povos, com uma determinação liberalista que nos aproxima, apesar do diferente sistema sócio-econômico e da distância geográfica entre os dois países", disse ao **Campus** o Jornalista Duan Zhiqi-Diretor da Sucursal da Agência Nova China.

"Temos características comuns como a grande extensão territorial e a abundância de recursos naturais, além de possuímos um equilíbrio tecnológico que nos permite elevar em conjunto o nosso nível de desenvolvimento. Nós importamos minério-de-ferro do Brasil e este nos importa o petróleo. Também não podemos excluir a importação de tecnologia de países como o Japão e Estados Unidos. Esses intercâmbios comerciais, culturais, econômicos e técnicos contribuem para a compreensão, o entendimento e a consolidação da amizade entre os povos".

「会唱歌的石头」

访巴西伊泰普水电站

段之奇



建设中的巴西伊泰普水电站

A usina hidrelétrica de Itaipu chama a atenção dos chineses

Perguntado se as influências da aproximação com países capitalistas ocidentais não poderiam prejudicar os valores culturais chineses, Duan respondeu que a China tem contatos com países de diferentes ideologias, e sabendo distinguir o bem do mal, há o aproveitamento das vantagens nas culturas de outros países. Concluiu que a viagem do Presidente Figueiredo à China representa uma nova fase das relações amistosas entre os dois países, aumentando o intercâmbio tanto a nível governamental quanto nas ou outras áreas.

NOVOS HORIZONTES

Enquanto os Estados Unidos se fecham aos nossos produtos, colocando altas taxas alfandegárias, Brasil e China aumentam seu intercâmbio comercial. Desde 1974 o Brasil mantém relações comerciais com a China, sendo que até 79 a balança comercial bilateral pendia favoravelmente ao Brasil.

A partir de 1980 a situação foi alterada com o aumento das importações brasileiras do petróleo da China. No ano passado, o valor das exportações brasileiras para a China foi de 275,5 milhões de dólares, ao passo que as exportações da China para o Brasil foram de 505,4 milhões de dólares, um quadro desfavorável ao Brasil na importância de 233 milhões. A possibilidade de equilibrar a balança comercial é um dos fatores que fazem o governo brasileiro voltar sua atenção àquele país.

A China, com um bilhão de habitantes, é a nação mais populosa do mundo, possuindo uma área de 9,6 milhões de km quadrados. A partir dos anos 70 ela vem introduzindo várias modificações na sua estrutura econômica, desde a abertura do comércio com países capitalistas até alterações em sua tradicional política de auto-suficiência, modernização da economia, e a adequação de sua tecnologia ao Ocidente. Após oito anos sucessivos de déficit, em 1980 a China alcançou

um superávit de 184 milhões de dólares que manteve em 81 e 82. O volume total de suas exportações em 1982 foi de 21,8 bilhões de dólares, importando 18 bilhões. Sua inflação em 82 foi de apenas

dois por cento. Sendo o maior produto mundial de alimentos, a maioria de seus habitantes vive no campo, apesar de não ter terras fartas para a agricultura como o Brasil. Mais da metade de suas exportações destina-se aos países em desenvolvimento da Ásia, África e América Latina que fornecem somente 20 por cento do total das importações chinesas.

ESTATIZAÇÃO X COOPERAÇÃO

A primeira visita de um Ministro de Estado brasileiro à China, foi em 1982 com Saraiva Guerreiro, das Relações Exteriores. Embora a China estivesse numa grande fase de retração, encontrou-se uma grande disposição quanto ao aspecto de coope-

ração. O Ministro levanta a possibilidade de se estabelecer alguma forma de cooperação no campo da microeletrônica e da informática, é ainda nas questões nucleares. "No campo comercial o Brasil tem grande possibilidade de se tornar um fornecedor de produtos alimentícios para o mercado chinês pois a China é o maior consumidor de alimentos do mundo". Há também o interesse nas técnicas chinesas de irrigação nas lavouras de arroz. As nossas exportações para a China são em sua maioria produtos industrializados, principalmente os manufaturados. Em 1980 uma Delegação chinesa trouxe ao Brasil a 1ª Feira Econômica, Comercial, Industrial e Cultural da China.

Na prática, as exportações brasileiras ainda encontram dificuldades: O tamanho do mercado, o custo de transportes e a estatização do comércio exterior. Com relação ao último, as empresas brasileiras vêm superando as dificuldades através de contatos diretos com Trading Companies sediadas em Hong-Kong. Essa questão foi debatida no Seminário de Relações Econômicas e Comerciais entre Brasil e República Popular da China, em dezembro de 83. Entretanto, a disposição de cooperação é mútua. Nomo da hidreletricidade espera-se a colaboração entre a nossa Eletrobrás e a entidade chinesa correspondente. A cooperação técnica seria mantida também por entidades de ambos os países, como vem sendo feita pela Embrapa e Universidade de Pequim. A Ministra das Relações Econômicas e Comércio Exterior da China, Chen Muhua, declarou em recente entrevista à revista "China Foreign Trade", que eles suportarão firmemente o aperto mantido aos países do Terceiro Mundo para que se estabeleça um novo ordem econômica internacional (Maria Amélia e Lourdes Tavares).

MEDIDAS ADOTADAS PELO GOVERNO ALFONSIN AGRAVAM SITUAÇÃO DE CRISE

Economia Argentina não é bom exemplo

O sonho da democracia de Alfonsín pode chegar ao fim. O julgamento dos militares envolvidos no movimento de repressão fortalece o governo pelo apoio popular conquistado, mas no entanto, a política econômica provoca o desconforto e descontentamento da maioria que o elegeu.

Os compromissos assumidos pelo presidente eleito da Argentina, Raul Alfonsín, incluem, além das medidas jurídicas na questão dos militares, alterações significativas na área econômica. Na tentativa de solucionar o problema da dívida externa, as metas principais são a reativação da indústria nacional, o acúmulo de capitais e a busca de novos entendimentos com o Fundo Monetário Internacional. Para dinamizar a indústria argentina é necessário incrementar o mercado interno e aumentar o salário real dos trabalhadores, na análise que fez para o **Campus** o Secretário

de Imprensa da Embaixada da Argentina, Alberto de Nuñez.

Discordando da política adotada pelo governo Alfonsín, o professor de Economia da UnB, Dêrcio Garcia Munhoz, esclarece: "A experiência argentina repete a experiência de outros países, em que não houve formulação de políticas econômicas compatíveis com o funcionamento de uma economia de mercado". Ao aumento mensal de salários corresponde a elevação da inflação, que o professor Munhoz argumenta ser "o mecanismo utilizado para que o trabalhador continue a ser o grande perdedor num sistema de ganhadores de rendas. Essa si-

tuação começa a provocar descontentamento entre a classe trabalhadora e o governo argentino perde o apoio obtido nas urnas". Considerando a responsabilidade que a maioria de votos delega ao presidente, já o secretário de Nuñez afirmou: "O governo Alfonsín não pode fracassar, pois seria incorporar a uma massa grande de população uma nova frustração. A experiência com uma política alternativa exige muito boa vontade social e uma capacidade teórica para formular um novo modelo que estão cobrando e estamos estimulando os primeiros ensaios do tipo teórico. Isso não se faz de uma hora pra outra".

DESESTABILIZAÇÃO

O difícil quadro econômico argentino acontece, segundo o professor Munhoz, "porque os assessores técnicos do governo argentino não discutiram suficientemente a natureza dos seus problemas econômicos. Os economistas que devem oferecer políticas econômicas alternativas sempre tem falhado no Terceiro Mundo. Com isso, os governos populares sofrem um processo de desgaste e desestabilização política". Ao comparar os processos político-econômicos argentino e brasileiro, o professor Munhoz adverte para a necessidade da discussão sobre o que se fará quando um governo com apoio popular assumir

o poder no Brasil, "já que a insatisfação marca uma forte tendência, quase irreversível, ao surgimento desse governo de apoio popular. Que tipo de estratégia vamos adotar para com o Sistema Financeiro Internacional, para que não aceitemos mais um processo de auto-destruição que está acontecendo na economia e na sociedade brasileira? Que tipo de política econômica interna deve ser adotada de forma a compatibilizar os meios com o fim?" pergunta o professor, e continua: "Essa discussão é fundamental, para que aqui não ocorra o que aconteceu na Argentina, nem o que é comum no Terceiro Mundo: a volta dos militares, com as botas por cima do país, trazendo políticas e economias conservadoras, fazendo uma recessão, pondo os trabalhadores de joelhos, reduzindo salários e matando a inflação". (Lourdes Tavares e Luís Carlos Queiroz).

minhocão

Agenda

BIBLIOTECA — E impossível precisar, mas uma parte considerável do acervo de livros da Biblioteca Central da UnB provém de doações, tanto de instituições e outras bibliotecas, quanto de particulares. A seção de intercâmbio da BCE recebe e doa livros a outras instituições, mediante consulta prévia que determina o interesse pelas obras. Particulares interessados também podem doar livros à BCE, bastando levá-los, para que sejam catalogados e incorporados ao acervo. Aos Centros Acadêmicos e alunos fica a sugestão: terminado o semestre, aquelas obras que foram compradas porque a biblioteca não tinha podem ser a ela destinadas, para que sucessivas turmas não se vejam obrigadas os mesmos gastos com xerox e livros.

ELEIÇÕES — A UnB tem vivido essas últimas semanas em função de eleições diretas para Reitor. Professores e alunos organizaram-se e brevemente teremos a lista sêxtupla a ser encaminhada ao Conselho Universitário, quando apenas um nome será escolhido. Em meio a tanta movimentação política, foram distribuídos, em nome dos funcionários, folhetos reclamando a sua participação no processo sucessório. Agora pergunta-se: seriam realmente os funcionários, os autores de tais textos? Eles garantem que não, e como resposta, está sendo redigida uma nota explicativa, agora sim, legítima.

ASTRONOMIA — Se você se interessa por estrelas preste atenção no ciclo de palestras sobre o assunto, que se realizará até 25 de junho sempre das 20 às 22 horas, na Sociedade Brasileira de Eubiose. Os temas em pauta serão: "O Sistema Solar: origem e descrição", "Final de evolução estelar: os pulsars e os buracos negros", "As estrelas: vida e morte", "O tempo: sua estruturação e medição" e "O universo: tentativas de compreendê-lo". As inscrições poderão ser feitas na Avenida L2 Norte Quadra 603 Módulo "C", mediante uma taxa de Cr\$ 10.000,00. Maiores informações pelos telefones 2231880 ou 2243025.

COMUNICAÇÃO — O Departamento de Comunicação informa que o prazo para as inscrições à I Mostra Nacional de Fotografia dos Estudantes de Comunicação Social foi prorrogado até o dia 15 de junho. A Mostra se realizará paralelamente ao VIII ENECOM, de 16 a 22 de julho, em Fortaleza, e cada escola poderá participar no máximo com 24 fotografias.

FOTOGRAFIA — O Clube de Fotografia do CEUB promoverá o seu terceiro concurso de fotografia, aberto a interessados independentemente de sua ligação com o CEUB ou com o Clube. O concurso tem como tema o "Mês de Maio" e estará recebendo trabalhos em preto e branco (18 x 24), montados

em papel-cartão preto, até 30 de junho próximo. Detalhes, e fichas de inscrições podem ser obtidos no setor de comunicação do CEUB, no bloco I.

CONCERTOS DE JUNHO — Os Concertos Semanais da UnB no mês de junho serão exclusivamente concertos de formatura de alunos do Departamento de Música. No dia 7, concerto de formatura de Maria Fernanda Teixeira, Flauta; dia 14, concerto de Maria José de Moraes, Flauta; dia 21, Corpus Christi, não haverá concerto; e encerrando no dia 28, concerto de Ellen Curado Tles, Oboé e Mário Lima Brasil, Trompa. Os concertos acontecem no Auditório do Departamento de Música sempre às 10h30.

ARTE — O DAC já está com todos os projetos e, a partir do próximo semestre, o ICC contará com um espaçoso salão destinado preferencialmente às manifestações artísticas dos estudantes. O salão situa-se acima da livraria, e o DAC planeja que as exposições que nele forem realizadas (pintura, escultura, fotografia, etc) sejam de curta duração (por volta de 10 dias) para, a princípio, dar espaço para o maior número possível de eventos. Futuramente, pensa-se em até utilizar a sala para projeção de Slides e filmes, já que, no caso, o espaço não seria um problema considerável. Artistas profissionais também poderiam ter acesso ao salão, mas os eventos patrocinados por embaixadas e/ou instituições continuariam a ser realizados onde sempre foram: na Biblioteca.

MUSCULAÇÃO — Continuam abertas até o final do semestre as inscrições para bolsas de musculação. É a primeira vez que as bolsas serão pagas pela Associação Atlética Acadêmica da UnB. As vagas estão abertas a qualquer aluno interessado, e para se inscrever basta dirigir-se à sede da AAAUnB, no Centro Olímpico, e entrar em contato com a Conceição.

NOVOS CLUBES — Com a posse da nova diretoria da AAAUnB, o esporte ganhará injeção de ânimo aqui na UnB, e o primeiro indicio é a criação de novos clubes desportivos. Foram criados os clubes de Water-pólo, handebol, basquete, futebol e (imaginem só!) pára-quedismo, além dos já existentes clubes de atletismo, natação e judô. Qualquer aluno pode se associar. Para maiores informações, procurem a Conceição na sede da AAAUnB, no Centro Olímpico.

ADMINISTRAÇÃO — O departamento de administração promove, de até 05/07, no horário de 20 a 22 horas, às segundas e quintas, a atividade de extensão "Planejamento Organizacional Integrado", para graduandos de administração e profissionais da área de planejamento.

ESTÁGIOS

Vagas abertas

"Encontram-se abertas as inscrições para estágio em diversos órgãos públicos". Foi o que garantiu Rosa Ferreira da Silca, Chefe do Serviço de Mercado de Trabalho, da DAC/UnB. As áreas de estágio são Biblioteconomia (com 3 vagas no CNPq, 1 vaga na Themas e 1 vaga no CPF), Comunicação (área jornalismo, com 1 vaga na SUDECO), Ciências Contábeis (1 vaga no MPAS), Econo-

mia (2 vagas na SUDECO e 2 vagas no MINTER), Engenharia Civil (área de saneamento, com uma vaga na SEMA), Pedagogia (com 4 vagas no SERPA) e Química (com 3 vagas no CNP). Os interessados deverão comparecer à Diretoria de Assuntos Comunitários (prédio da reitoria), de manhã ou à tarde, para o devido encaminhamento. (Carlos Augusto de Amorim Dutra)

ÁGUA LIMPA

Fruticultura no cerrado

Segundo a professora Tereza Vaz Parente, do Departamento de Agronomia, em região subtropical é possível se conseguir produzir qualquer variedade de frutas (tropicais, sub-tropicais e temperadas menos exigentes) corrigindo o solo através de adubação e emprego de inseticidas no combate aos fungos. Esta experiência está sendo feita na Fazenda Água Limpa, onde o pomar de citros e abacates merece destaque pela excelente qualidade, e produção média de 93 quilos e 100 quilos por planta, esse ano, respectivamente.

A maçã tem qualidade regular, inferior à produzida no sul do país, entre outros motivos, isto se deve ao pouco frio (ela é caracte-

ristica de clima temperado), o que faz com que a planta dê flores e frutos ao mesmo tempo.

A goiaba apresenta problema de moscas, já a coleção de pêssegos está bem.

Atualmente a produção de frutos na Fazenda Água Limpa é feita em termos de coleção para material didático, mas com trabalhos mais elaborados há grandes possibilidades de vir a ser comercializada, como acontece em Anápolis, que tem ótima produção de maçãs, pêssegos e figo.

Uma parte da produção da fazenda é dada para o pessoal administrativo e a ou outra serve o bandeirão. (Shirlene e Idhelene)

O NOVO CALENDÁRIO

Com a decretação do recesso acadêmico e o movimento grevista do corpo docente da UnB, surgiu a necessidade de alterações no calendário escolar para o final do período 1/84. As novas datas são:

04/07 — último dia do período 1/84;

28/06 a 20/07 — solicitação de matrícula para o 2º período letivo;

03/07 a 09/07 — envio de menções finais do 1/84 à DAA;

06/08 a 09/08 — solenidade de colação de grau dos formados no 1/84 e entrega dos diplomas.

REFORMA UNIVERSITÁRIA

Avaliação também na UnB

O Conselho Federal de Educação constituiu uma Comissão com a finalidade de avaliar a Reforma Universitária. Com o objetivo de viabilizar a necessária participação da comunidade acadêmica e de outros setores da sociedade brasileira, foi concebido o Programa de Avaliação da Reforma Universitária, implementado pela CAPES com o apoio financeiro da FINEP. Um Grupo Gestor de Pesquisa tem a responsabilidade de coordenar os estudos que estão sendo realizados nas 33 Instituições de Ensino Superior que fazem parte da mostra nacional, havendo em cada instituição uma equipe de pesquisa interna.

A UnB foi uma das instituições selecionadas para a amostra nacional e sua Equipe de Pesquisa

interna, iniciou suas atividades em novembro de 1983. A partir de maio, será feito um levantamento junto à administração e aos professores e alunos da UnB sobre as condições em que se realizam as atividades de produção e disseminação do conhecimento, de gestão e poder, visando identificar possíveis problemas e propostas concretas para seu encaminhamento. Os dados qualitativos e quantitativos serão divulgados por meio de entrevistas e questionários, e os resultados serão divulgados e debatidos publicamente. O sucesso desta pesquisa e de seus desdobramentos futuros depende do apoio que for dado por administradores, professores e alunos, no sentido de oferecer, à Equipe de Pesquisa da UnB, informações completas e pertinentes.

Você pode se especializar em América Latina

O Departamento de Ciência Política e Relações Internacionais, oferecerá no próximo semestre, o seu III curso de Especialização em América Latina. Curiosamente, o curso é gratuito e não há taxas de matrícula. Poderão se inscrever as pessoas formadas em Relações Internacionais, Direito, Economia, Ciência Sociais, História, Administração e Ciências afins.

São oferecidas 20 vagas. Dez poderão ser ocupadas por estudantes estrangeiros. As inscrições estão sendo feitas no próprio departamento e vão até 30 de junho.

A duração do curso será de 17 semanas, em regime integral, iniciando em 17 de agosto e terminando em 7 de dezembro.

O corpo docente é formado pelos professores: Antônio Augusto Cançado Trindade, Cristine Viveka, José Carlos Brandi Aleixo e Lytton Leite Guimarães, contando também com a colaboração de alguns conferencistas. (Marina e Wilfrida)

Pré-matrícula, experiência bem sucedida

Em meio a confusão e às críticas ao novo método de matrículas, uma prática de alguns centros acadêmicos parece contribuir para um melhor ajuste entre a demanda de matérias pelos alunos e a oferta de vagas pelos departamentos: a pré-matrícula.

Experiência bem sucedida vem sendo desenvolvida pela Engenharia Mecânica Mecânica, para citar um exemplo. Os alunos votam uma lista de oferta que é referendada pelo colegiado do departamento depois de receber a crítica dos próprios alunos. Desta maneira são diminuídos os efeitos da falta de professores, com uma razoável satisfação das necessidades dos alunos. (Cláudio e Heloisa)

Depois do jejum, já se come de novo

Após um longo período de jejum, os alunos das Faculdades de Medicina, Direito e Tecnologia não precisam mais ficar com a barriga roncando ou com os pés inchados de tanto andar. Depois de ficarem fechadas por alguns meses, as lanchonetes que funcionavam nestas Faculdades voltaram a abrir, cada uma com um dono novo e um atendimento de melhor qualidade.

Aquele que tiver qualquer reclamação a fazer das lanchonetes do Campus, pode se dirigir à D.A.C., através da Comissão de Fiscalização das Lanchonetes, explicitando por escrito o motivo (cozinha sem galinha, barata na empada, enrolado sem queijo, mal atendimento etc). (Carlos André)

Norte

minhocão

Sul

ADMINISTRAÇÃO

Professores e alunos fazem o seu Congresso

Os alunos e professores de Administração reuniram-se no último dia 15 de maio para decidir os itens que serão debatidos no Congresso que o departamento promoverá no período de 20 a 24 de agosto. Entre os principais pontos para as discussões incluem-se a reduzida participação que o departamento teve no processo de democratização da Universidade, que se deu principalmente, segundo afirma Jo-ao Jupiasu, responsável pelo CA de Administração, pela inexpressiva mobilização havida entre eles. A elaboração de um novo currículo, que atenda aos interesses dos alunos e professores, e ainda, a possível cisão entre o Direito e a FAESA.

Como se sabe, a Faculdade de Estudos Sociais Aplicados (FAESA) é composta pelos departamentos de Administração e Contabilidade, Direito, Relações Internacionais e Biblioteconomia. A idéia da

cisão partiu do Direito e foi prontamente aceita pela FAESA em função dos desentendimentos ocorridos. A proposta seria a criação da Faculdade de Direito e Relações Internacionais, enquanto os demais departamentos permaneceriam na Faculdade de Estudos Sociais.

A FAESA considera positiva esta cisão, sob o argumento de que isso permitirá uma nova estruturação interna visando à integração da universidade à comunidade através de prestação de serviços e intercâmbios profissionais, além de possibilitar maior interrelacionamento departamental, para que, através de discussões e debates, surjam propostas e soluções para os problemas existentes. Pensa-se, por exemplo, na abertura de cursos noturnos, não se esquecendo da busca de maior autonomia para os departamentos.

(Rosani Aparecida)

AAAUnB: nova diretoria

Estimular a criação de clubes; promover competições internas; participar de competições externas; restaurar organicamente a entidade e difundir e divulgar a entidade em todos os níveis — Esse é o programa de trabalho da nova diretoria da AAAUnB, assumido por ocasião da sua posse no dia 21 de maio, na reunião de seu conselho deliberativo.

A nova diretoria é composta por Leão da Silva (presidente), Wagner Oliveira (vice-presidente), Marcos Machado e Danilo Simestrin (secretários), Eduardo Godoy e Pedro Braga (tesoureiros), Miriam da Silva (diretora de patrimônio), Dênis

Soares (diretor de relações públicas) e o professor Renato Nóbrega, responsável pela direção técnica.

Dentre os eventos esportivos que a nova diretoria da AAAUnB pretende promover ainda neste semestre está a 5ª Volta Universitária, promoção de caráter nacional aberta a qualquer estudante de universidade brasileira. A volta Un Universitária é uma competição com percurso de 10 Km, dividido por categorias masculino e feminino e por faixa etária. A AAAUnB é bicampeã da Volta Universitária, e se vencer agora em 84, ganhará o direito da

posse permanente da taça.

O presidente da AAAUnB, Leão da Silva, declarou estar ciente da importância do trabalho de base com o calouro como uma forma de fazer crescer a entidade dentro da comunidade universitária. Esse trabalho de base seria estimulado através da criação de clubes desportivos, ponto de contato entre a comunidade e a Associação. Ao que parece, a intenção da AAAUnB já está se realizando, pois já foram criados cinco novos clubes — o de water-polo, handebol, futebol, basquete e paraquedismo, além dos já existentes clubes de atletismo, natação e judô. (Hélio Franco Jr)

FILME

“Ouvir e questionar autores brasileiros, representativos de tendências diversas”, este é um dos objetivos do curso de extensão “Literatura Brasileira, Hoje”, que está sendo promovido pelo Mestrado em Literatura do Departamento de Letras. Estão presentes nos encontros escritores como Mário Chamie, Autran Dourado e Bernardo Elias.

Sob a coordenação da professora Neide de Faria, a programação do encontro já teve nomes como Domingos Carvalho da Silva, Affonso Romano de Sant’Anna, e Cassiano Nunes. A partir do dia 6 virão Francisco Alvim, Mário Ch Chamie (dia 13), J.J. Veiga (dia 20), Bernardo Ellis (dia 27), Márcio Souza (4/07), Autran Dourado (11/07) e Adonias Filho (12/07). Os encontros estão sendo realizados sempre às 18h30, no Auditório da Reitoria. (Cláudio Ferreira)

LITERATURA

A aluna Fernanda Cobra, do Departamento de comunicação, está com um projeto de um curta metragem para ser rodado em junho. O filme se chama, provisoriamente, “Meu querido diário”. O roteiro é do George Duarte, do departamento de desenho, Gorge Martins é o diretor de fotografia, Chiquinho do som e a produção está com o Marcelo Torres. A atriz principal é Maria Coeli, do departamento de desenho. O filme conta a história de Mercedes Maria, uma mulher casada, classe média, que está em dificuldades financeiras. Ela tem, como modelo de mulher, a sexy Marilyn Monroe. Mercedes, um dia recebeu dinheiro do marido, compra vários acessórios que a tornam parecida com Marilyn. Seu sonho é satisfeito, porém sua vida continua a mesma.

(Fernanda Telles)

Ofertas válidas
até 30/06/84

Faça como Aristóteles, Platão, Araújo Castro, Duverger, Darwin, Morus e Shakespeare: Entre para o Clube do Livro da UnB.

Esta Lista é uma amostra dos 500 títulos que a Editora Universidade de Brasília lhe oferece e que você pode adquirir em qualquer Agência Bradesco, onde estará sempre um cupom à sua disposição. Você obtém também os nossos livros preenchendo o cupom abaixo e remetendo cheque nominal à Fundação Universidade de Brasília-Editora, ou utilizando o seu Cartão Credicard, ou ainda o reembolso postal. Se você adquirir o mínimo de três títulos, automaticamente ingressa para o Clube do Livro da UnB, passando a ter descontos especiais na compra de nossos livros.

00027	Teoria Política Grega (vol. 2) - Sir Ernest Barker	3.900,00
00035	Comentários sobre a Primeira Década de Tito Lívio (vol. 3) 2ª edição - Maquiavel	3.600,00
00078	Paz e Guerra entre as Nações (vol. 7) - Raymond Aron	6.000,00
00108	O Antigo Regime e a Revolução (vol. 10) 2ª edição - Alexis de Tocqueville	1.900,00
02828	Sociedade e Liberdade (vol. 16) - Ralf Dahrendorf	2.300,00
00175	Teoria das Formas de Governo (vol. 17) 3ª edição - Norberto Bobbio	1.600,00
00167	Estudos Políticos (vol. 18) - Raymond Aron	4.000,00
02381	Governo Comparado (vol. 20) - Samuel Finer	4.400,00
00264	Teorias da Revolução (vol. 29) - A.S. Cohan	1.700,00
05223	A Prática da Política (vol. 34) - K. W. Watkins	1.100,00
05240	A Política (vol. 36) - Giovanni Sartori	2.300,00
06556	Em Defesa da Política (vol. 41) - Bernard Crick	1.400,00
02941*	Partidos e Sistemas Partidários (vol. 43) - Giovanni Sartori	5.950,00
04987	O Poder em Cena (vol. 46) - Georges Balandier	1.000,00
03069	Uma Teoria da Justiça (vol. 50) - John Rawls	4.000,00
02747	Pensadores Políticos Comparados (vol. 52) - Ross Fitzgerald	2.700,00
08397*	As Grandes Obras Políticas de Maquiavel a Nossos Dias (vol. 55) - Jean-Jacques Chevallier	2.550,00
03344*	Os Fundamentos da Liberdade (vol. 56) - F.A. Hayek	5.520,00
04456	Os Filósofos Sociais (vol. 59) - Robert Nisbet	3.800,00
03107	A Política no Interior das Nações (vol. 60) - Joseph LaPalombara	4.700,00
05061	O Espírito das Leis (vol. 61) - Montesquieu	6.000,00
00302	Conjecturas e Refutações - Karl Popper	3.800,00
00329	Um Sentido do Futuro - Jacob Bronowski	1.700,00
03727*	Tornando-se Moderno - Alex Inkeless e David Horton Smith	3.800,00

03786	As Etapas do Pensamento Sociológico - Raymond Aron	10.030,00
03590	A Sociedade Bloqueada - Michel Crozier	1.800,00
14966*	Origens (2ª edição) - R. E. Leakey e R. Lewin	14.910,00
06009*	A Escalada do Homem - Jacob Bronowski	11.470,00
06114*	Cosmos - Carl Sagan	21.760,00
08737*	A Origem das Espécies - Charles Darwin	14.910,00
08818*	Carmina Drummondiana - Silva Békior e Carlos Drummond de Andrade	8.500,00
05576*	A Evolução da Humanidade - R. E. Leakey	14.910,00
05584*	A Vida na Terra - David Attenborough	11.470,00
03557*	Massa e Poder - Elias Canetti	9.940,00
04791*	Poesia - Ezra Pound	10.200,00
04776	A Democracia Grega - Hélio Jaguaribe (org.)	1.300,00
07013*	Bucólicas - Virgílio	5.220,00
07081*	Comédias - Shakespeare	6.800,00
05339*	A Cidade Antiga - Fustel de Coulanges	8.070,00
04588	História da Guerra do Peloponeso - Tucídides	5.000,00
02313*	Eneida - Virgílio	2.100,00
03531*	A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo - Max Weber	2.420,00
03018	Fidalgos e Filantropos - A. J. R. Russel-Wood	3.300,00
03581	Sua Majestade o Presidente do Brasil - Um Estudo do Brasil Constitucional (1889-1934) - Ernest Hambloch	1.700,00
03832	Planejamento Estratégico - Golbery do Couto e Silva	2.800,00



Editora Universidade de Brasília

Campus Universitário - Asa Norte Cx. Postal 153001

Quero receber os livros de códigos:

Nome

Endereço

Cidade Estado CEP

Credicard nº. Validade

Data

assinatura

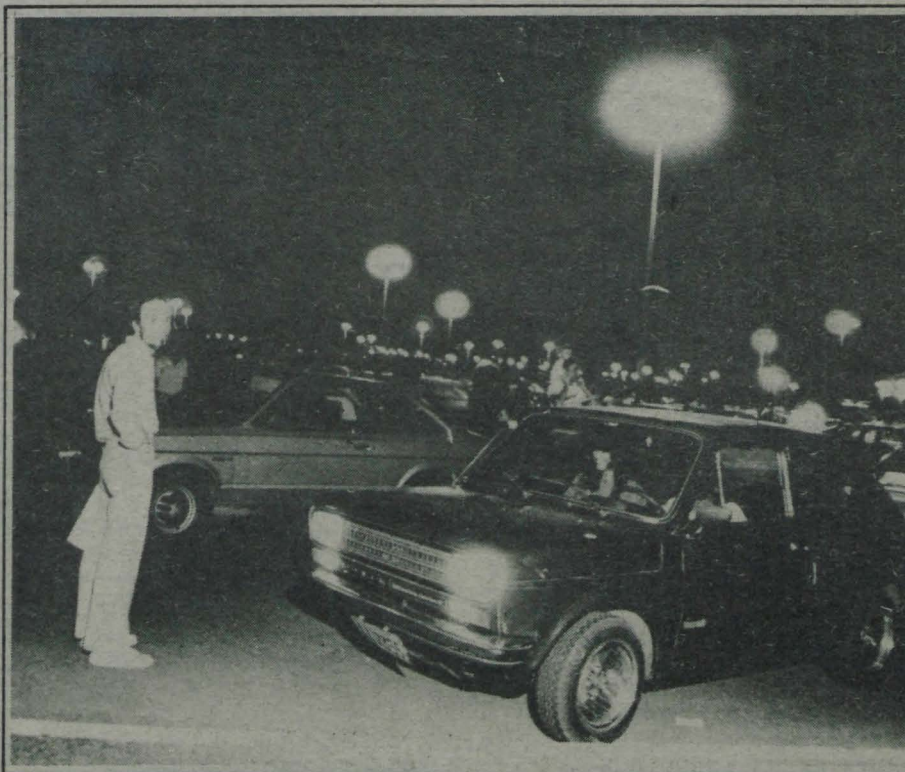
☐ REMETA-ME CATÁLOGO COMPLETO

PEDALAR, BUZINAR E PROTESTAR

Quem nos tiraniza abusa, arrasa, azucrina a razão resolve, buzina, Brasília, buzina

Um dia é do caçador, o outro é da caçarola abre a janela, bate panela...

Fotos de Nélio Rodrigues e Sérgio Marques.
Gentileza do jornal "Última Hora"



Esta é a nova imagem de Brasília, onde a população aprende a ocupar seu espaço. Um clima de reivindicação aliada à descontração e ao prazer, que confunde a repressão e mina as bases do poder. A sinfonia das buzinas, a batucada das caçarolas e a passeata em 2 rodas. Uma nova linguagem de protesto na tentativa de se romper com os esquemas tradicionais de manifestação